

**UNIVERSIDADE TIRADENTES  
DIRETORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**MARTA BATISTA DE SOUZA**

**EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E FOTOGRAFIA: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS DE  
MULHERES IDOSAS DO BAIRRO PALESTINA, ARACAJU/SE**

**ARACAJU – 2014**

**EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E FOTOGRAFIA: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS DE  
MULHERES IDOSAS DO BAIRRO PALESTINA, ARACAJU/SE**

**MARTA BATISTA DE SOUZA**

Dissertação apresentada como pré-requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação na linha Educação e Comunicação – Universidade Tiradentes.

**PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> ANDREA CRISTINA VERSUTI**

**ARACAJU – 2014**

---

S719e Souza, Marta Batista.  
Educação, memória e fotografia: uma análise das narrativas  
de mulheres idosas do bairro Palestina, Aracaju/Se /Andréa  
Cristina Versuti. – Aracaju: UNIT, 2014.

102 il.

Inclui bibliografia.

Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade  
Tiradentes  
1.Educação. 2. Fotografias. 3. Entrevista narrativa. 4. Memória. I.  
Universidade Tiradentes. II.Título.

---

CDU: 37(813.7)(091)

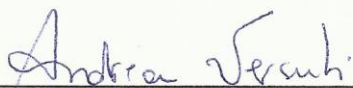
**EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E FOTOGRAFIA: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS DE MULHERES IDOSAS DO BAIRRO PALESTINA, ARACAJU/SE**

**MARTA BATISTA DE SOUZA**

Dissertação apresentada como pré-requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação na linha Educação e Comunicação – Universidade Tiradentes.

APROVADA EM: 25/02/2014

BANCA EXAMINADORA



\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andrea Cristina Versuti (Orientadora)



\_\_\_\_\_  
Giovana Scareli (Membro Externo da Banca)



\_\_\_\_\_  
Raylane Andreza Dias Navarro Barreto (Membro Interno da Banca)

**ARACAJU – 2014**

Dedico este trabalho ao Sr. José Mesquita Neto (*in memoriam*) que, enquanto diretor da Casa do Pequenino, sempre nos visitava todas as manhãs e sua chegada era esperada com muita expectativa por todos seus “pequeninos”, como carinhosamente éramos chamados! Ele chegava e batia o cadeado no portão (nossa então campainha). Sua batida era peculiar, todos nós já conhecíamos, e para chegar ao portão tínhamos que atravessar um corredor enorme (bom, assim víamos) e também tínhamos que nos lembrar de pegar a chave. Fazíamos “pareia” para saber quem chegava primeiro, e muitas das vezes no meio da corrida o tio lembrava: “a chave, meninos!” e todos paravam a corrida do portão para iniciar outra corrida à procura da chave. Quem chegava sem a chave não ficava triste, pois suas mãos enormes e enrugadas atravessavam as brechas do portão e afagavam um a um, como uma forma de consolo, porque quem conseguia abrir o cadeado era colocado no colo! E eu como era a mais “pequenina” e nunca conseguia ganhar a corrida do cadeado, recebia o mesmo prêmio de quem conseguia abrir, mesmo sabendo disso sempre quis um dia conseguir abrir o cadeado! Esta cena se repetia todas as manhãs!

Agora, então, quando vejo alguma pessoa semelhante ao querido tio Mesquita “batendo o cadeado” essa cena descrita (que não tem imagens de comprovação) sempre vem à tona com todos os detalhes mencionados.

Tenho em minhas memórias a imagem fotográfica da afetividade emanada pelo tio Mesquita!

Hoje vivencio e fotografo uma linda cena, ao tocar a campainha de casa, marido (Anselmo) e filha (Marina) ficam “pareados” na corrida para abrir o portão, o marido que nunca chega primeiro recebe afago e a filha que nunca traz a chave recebe o colo!

Obrigada, grande e inesquecível tio Mesquita! De onde estiver receba todos os afagos e o colo da sua pequenina!

## AGRADECIMENTOS

Neste momento de felicidade, curvo-me para agradecer...

A Deus, pela sua infinita bondade!

Ao meu pai Miguel, por estar comigo SEMPRE, sendo meu anjo sem asas!

Ao meu amor Anselmo, pelo companheirismo, zelo e compreensão da nossa jornada, sendo presente em todos os momentos. Amo-te, amor!

À minha filha Marina, que entrou na nossa vida sem pedir licença e nos encanta todos os dias nas suas peraltices mandando beijos de mãozinha!

À minha orientadora linda, Andrea, que generosamente aceitou o desafio de continuar a caminhada já iniciada. A quem sempre serei grata pela oportunidade de vivenciar seus ensinamentos. Pela constante dedicação e por depositar em mim confiança e estímulo, tornando o resultado desta Dissertação um inesquecível aprendizado de vida.

À professora Giovana, que foi a primeira a acreditar na proposta deste trabalho, verbalizando na descoberta de uma preciosidade e ao mesmo tempo mostrando a importância de uma boa lapidação. Dando-me força, colocando mais uma vez suas mãos na contribuição dessa lapidação. Tu és iluminada!

À professora Raylane, por suas preciosas dicas e contribuições advindas de sua vasta experiência no campo da História Oral.

Às idosas, conselheiras da vida, que compartilharam seus saberes para eu construir o meu. Dona Maria, Dona Maria José, Dona Olívia, Dona Helena e Dona Nega, obrigada por me confiarem suas histórias, suas memórias e toda disposição em colaborar para a realização desta pesquisa.

À família adquirida: minha sogra, cunhados e enteados, por estarem sempre torcendo por mim!

Às minhas grandes comadres e amigas da vida, Flavinha e Paty, por participarem assiduamente da vida da Marina e de seus pais. Eu as amo muito!

À minha colega-amiga de trabalho Maria José, pelo companheirismo de todo dia.

A todos os professores do Mestrado em Educação: “Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.” (Cora Coralina).

À Universidade Tiradentes pelo apoio, ao conceder-me bolsa integral do Mestrado.

A todos que, apesar de não terem sido mencionados aqui, se fizeram presentes, ajudando-me das mais diferentes maneiras.

Muito obrigada!

## RESUMO

Este trabalho propõe um olhar atento à compreensão da concepção de Educação de cinco mulheres idosas, com idade entre 68 e 102 anos, moradoras há mais de trinta anos no bairro Palestina em Aracaju/Sergipe, sendo conhecidas localmente como 'conselheiras da vida'. A memória tem uma rede complexa de significados, sendo organizada de acordo com a evocação da situação comunicada, e a pesquisa foi realizada a partir de entrevistas narrativas mediadas por fotografias do acervo pessoal de cada uma, durante quatro encontros. Os dados foram transcritos e submetidos à análise temática, elegendo como categoria de análise a concepção de Educação. As análises desenvolvidas evidenciaram que as entrevistadas legitimam em seu discurso o conhecimento formal, em detrimento da sua experiência de vida, pois mesmo sendo conhecidas como 'conselheiras da vida', elas compreendem o conhecimento formal e a escolarização como elemento fundamental para o repasse das experiências.

**Palavras-chave:** Educação. Fotografias. Entrevista Narrativa. Memória.

## **ABSTRACT**

This research proposes a careful understanding of the concept of Education from five elderly women, aged between 68 and 102 years old, residents for more than thirty years in the neighborhood known as Palestina in Aracaju/Sergipe, being known locally as life Councilors. This research was conducted through mediated narratives interviews using the personal collection of photographs from each of the interviewed at the four meetings. Data were transcribed and subjected to thematic analysis, electing as a category of analysis the Education conception. The developed analyzes showed that the respondents legitimize in their speech the formal knowledge, over their life experience, because even being known as life Councilors, they understand the formal knowledge and education as key elements to transfer the experiences.

**Keywords:** Education. Photographs. Narrative Interview. Memory.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1. TECENDO MEMÓRIAS .....</b>	<b>20</b>
1.1. TEMPO E MEMÓRIA.....	21
1.1.1. <i>Tipos de memórias</i> .....	28
1.2. REMEMORAÇÃO E LEMBRANÇAS DE EXPERIÊNCIAS .....	30
<b>2. A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO REMEMORADA EM FOTOGRAFIAS.....</b>	<b>44</b>
2.1. A IMAGEM FOTOGRÁFICA.....	44
2.2. CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO POTENCIALIZADAS PELA FOTOGRAFIA ..	57
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>80</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>84</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>88</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>89</b>

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Vista do bairro Palestina, Aracaju/SE, 2010.....	15
Fotografia 2 – Batizado do primeiro filho de Dona Maria (1945).....	47
Fotografia 3 – Encerramento do cursilho de culinária – Dona Helena (maio de 1983).....	48
Fotografia 4 – Terceiro dia da aula de alfabetização para adultos – Dona Helena (2004)....	50
Fotografia 5 – Dona Nega e o esposo em frente ao sítio onde moravam.....	51
Fotografia 6 – Dona Helena sentada no quintal de sua casa.....	52
Fotografia 7 – Passeio na praia de Dona Olívia e o esposo (2002).....	53
Fotografia 8 – Dona Maria com seus filhos gêmeos (1947).....	55
Fotografia 9 – Família de Dona Maria José. Única fotografia da família reunida.....	56
Fotografia 10 – Conclusão do curso de corte e costura de Dona Maria José.....	58
Fotografia 11 – Dona Olívia na cadeira de balanço que ganhou no Dia das Mães.....	60

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fases da entrevista narrativa.....	14
Quadro 2 – Informações básicas das idosas “conselheiras da vida” .....	16
Quadro 3 – Categoria de análise: Educação (Experiência de vida).....	63
Quadro 4 – Categoria de análise: Educação (Sabedoria e memória).....	65
Quadro 5 – Categoria de Análise: Educação (Infância e participação dos ascendentes).....	67
Quadro 6 – Categoria de Análise: Educação (Educação e acontecimentos históricos).....	69
Quadro 7 – Categoria de Análise: Educação (Transformações nacionais tendo interferência na educação local).....	71
Quadro 8 – Categoria de Análise: Educação (Recordação da infância e alfabetização de adultos ).....	72
Quadro 9 – Categoria de Análise: Educação (Educação de outrora e de hoje).....	74
Quadro 10 – Categoria de Análise: Educação (Educação punitiva e postura do professor).....	75
Quadro 11 – Categoria de Análise: Educação (Importância da educação religiosa).....	77
Quadro 12 – Categoria de Análise: Educação (Gênero e a importância da liderança local).....	78
Quadro 13 – Categoria de Análise: Educação (Conselheira ligada à função de rezadeira).....	79

## INTRODUÇÃO

Felizes as pessoas que têm algo a contar, pois elas não se deixarão brutalizar pelo consumismo, pela futilidade, pela pobreza de experiência. (Walter Benjamin, 1994).

O título desta Dissertação “Educação, Memória e Fotografia: uma análise das narrativas de mulheres idosas do bairro Palestina, Aracaju/SE” refere-se aos estudos da compreensão da concepção de Educação, para um grupo de mulheres idosas, representadas pelas narrativas e acervos fotográficos pessoais, guardados ao longo da vida. Enfatizamos a narrativa de mulheres idosas sobre suas concepções de Educação, como também um estudo sobre as imagens das memórias das suas histórias de vida, potencializadas pelas fotografias do acervo pessoal de cada idosa.

A motivação pelas narrativas de mulheres idosas como oportunidade de pesquisa, parte das minhas lembranças de infância, da imagem de pessoas idosas que transmitiam emoção nos contos e histórias de vida entrelaçados com a história oficial.

Na instituição para crianças com vulnerabilidade social, em que morei na infância, várias pessoas aposentadas vinham nos visitar, com doces e muitas histórias, e no final da tarde era feita uma roda para ouvir as histórias de vida ou contos de fadas, todas com demonstração dramatizada, como: olhares, entonação de voz e gestos. Eu contava os dias para que essas pessoas voltassem a nos visitar.

Com o passar do tempo, estas visitas foram diminuindo até não termos mais contadores de histórias, o que me fez sentir muita falta! As histórias de vida e os contos eram repetidos entre nós, crianças da instituição. E como desenvoltura não era o forte entre a criançada, cada um contava de um jeito diferente, e assim fomos deixando de lado as histórias até caírem no esquecimento. Hoje, saudosa daquele tempo, fiquei interessada pelo estudo das narrativas.

Isso porque acredito na importância das narrativas e de seu significado educacional. Vivenciando as virtudes expressas nelas, é possível compartilhar das diversas formas com as quais elas se vestem. A história oral com falas representativas, sem pressa, nos convida ao envolvimento na construção das histórias, e prestando atenção nos sentimentos presentes num passado relatado. Pressupõe-se que os fatos, no mundo contemporâneo, estão perdendo significado pela possibilidade de transmissão e aquisição serem aquém das reais experiências vividas da narrativa, especialmente realizada pelos velhos.

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação (BENJAMIN, 1996, p. 203).

Bosi (1994) lembra que os idosos têm uma memória social atual mais contextualizada e definida, pois são expectadores de um quadro bem delineado no tempo. A função social da velhice é facilitar a continuidade da produção humana na ordem dos valores, daquilo que pode justificar a vantagem de viver e assegurar a qualidade de vida.

Esta pesquisa tem por objeto as narrativas de mulheres idosas sobre Educação. Para tanto, foram escolhidas, neste estudo, nas antigas famílias do bairro Palestina, Aracaju/SE, local onde morei por seis anos (entre 1990 e 1996), assim que saí da instituição. Percebi que as pessoas idosas ficavam sentadas nas calçadas nos finais de tarde, horário em que eu chegava do curso de graduação em Serviço Social, e então, por ser “nova” no bairro, aproveitava para conversar com elas. Na maioria das vezes era explicada a trajetória do surgimento do bairro, algumas pessoas preferiam valer-se de cadernos de anotações que guardavam de um passado, e, segundo as mesmas, os filhos não acreditavam nas dificuldades mencionadas para a instalação das famílias, e na época tinham poucas fotografias do local.

Das famílias que habitavam o bairro, desde a época do antigo sítio, poucas restam, geralmente aquelas cujo insucesso econômico das últimas décadas as impediu de migrarem para os bairros mais nobres da cidade. Permanecem residindo em casas velhas que passam de geração a geração, sem reformas e mal conservadas. Os novos habitantes, filhos e netos dos idosos, não gostam do local, morando no bairro por não terem outra opção, e o mesmo vai crescendo com a formação de novas famílias que ficam nas casas dos idosos, sem terem ocupação rentável, vivendo da aposentadoria dos avós, ficando tais residências apertadas e tirando a calma de outrora (segundo relatos das idosas). Os idosos construíram os lares e não se sentem pertencentes ao dinamismo moderno que invade suas casas através da transitoriedade constante de familiares nas residências, que, de alguma forma, retira a antiga história conhecida somente pelos idosos.

Neste contexto, a problemática social da não interação entre gerações, no bairro citado, ocorre porque o idoso muitas vezes é considerado como “ultrapassado” para as novas gerações. Esta falta de diálogo e o desrespeito geralmente ajudam no silenciamento desses

idosos nas residências, e talvez, em alguns casos, justifique a atividade voluntária de irem a instituições beneficentes e atuarem como contadores de histórias.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho está formulado metodologicamente a partir da pesquisa qualitativa, com a proposta de identificar a relação e a articulação da imagem fotográfica, mediada pela oralidade a partir de entrevistas narrativas, como instrumento de construção do conhecimento que referencia a educação como experiência nos processos de socialização, construção e manutenção da identidade social, apresentando-se como função mediadora.

[...] o uso de fotografias e de entrevistas pode se constituir como alternativa entre os instrumentos para a construção de dados, mas optar por sua escolha traz impactos nas análises dos resultados. [...] Nesses procedimentos, é comum, inicialmente, se fazer uma análise geral do material coletado para, depois, decidir sobre as técnicas e estratégias mais específicas (BORGES; LINHARES, 2008, p. 129).

Tal estratégia tem na base o método qualitativo, tomado como um “modo alternativo de pensar sobre os objetivos da pesquisa social e sua relação com a metodologia” (HABERMAS apud BAUER; GASKELL, 2007, p. 30). Esta perspectiva impõe enquadrar a metodologia que possa dar conta das mediações visuais e orais, as quais organizam a produção e a reprodução dos sujeitos humanos concretos de uma cultura local, buscando “condições que são necessárias a fim de que sujeitos capazes de falar e agir possam ter uma experiência que possa fundamentar uma objetividade [...] condições necessárias para a possibilidade da prática de pesquisa” (HABERMAS apud BAUER; GASKELL, 2007, p. 30).

A relação entre imagem e educação, fundamenta o objeto de estudo sobre a concepção de Educação para um grupo de cinco mulheres idosas do bairro Palestina, Aracaju/SE. É neste sentido que propomos compreender as concepções de Educação através da entrevista narrativa mediada por fotografias do acervo pessoal de cada uma delas.

A escolha de fotografias e das narrativas sobre elas, a qualidade e a especificidade dos dados poderão indicar as orientações para a sua análise. Nas análises, consideramos, também, o sentido metafórico do que foi coletado, seja em imagens, fatos ou entrevistas. Há uma busca máxima por uma aproximação possível ao que foi relatado pelos participantes associando o sentido metafórico, tanto do material coletado quanto do recurso utilizado para tal. (BORGES; LINHARES, 2008, p. 129).

As narrativas produzidas nas entrevistas coletadas das idosas descrevem a concepção de Educação de cada uma particularmente. “Histórias com palavras que são específicas à sua experiência e ao seu modo de vida. O léxico do grupo social constitui sua perspectiva de modo e assume-se que as narrativas preservam perspectivas particulares [...]” (JOVCHELOVITCH; BAUER apud BAUER; GASKELL, 2007, p. 91).

Como mecanismo de educação, meio de transformação e construção de conhecimento, a narrativa sobre as concepções de Educação registra a oralidade de acontecimentos pessoais que perpassam pela história de cada idosa.

Sendo assim, entende-se que há uma relação entre a construção da imagem com a educação e construção do saber repassado de geração a geração, promovendo o direcionamento de nossas interpretações que são organizadas em narrativas.

O crescente interesse em investigar as experiências visuais e os estudos sobre os observadores (aqueles que observam as imagens) e o observado (as imagens) se pauta em uma realidade social e cultural inconfundível: as imagens se tornaram onipresente e meios esmagadores de difundir signos, símbolos e informação (CIAVATTA; ALVES, 2008, p. 114).

No tocante aos processos de construção de linguagem, destacamos ainda as narrativas como mecanismo de articulação do pensamento, exercendo função mediadora entre sujeito e sociedade, e em tal mediação, operando como mecanismo de construção do conhecimento. As histórias são contadas a partir de palavras e sentidos específicos à experiência e ao modo de vida dos indivíduos, cujo léxico formula e ao mesmo tempo explicita uma perspectiva de mundo, ainda que preservando perspectivas particulares (JOVCHELOVITCH; BAUER apud BAUER; GASKELL, 2007).

Ao utilizar na pesquisa qualitativa imagens e narrativas, é possível desdobrar ainda a representação dialógica entre imagem e texto numa relação complementar. Na fotografia, pode-se perceber a realidade como um conjunto de aparências numa imagem, e tal conjunto contribui para a construção do conhecimento informal mediado pela imagem como experiência estética.

Ao descrever a fotografia, estamos trazendo para o presente um fato passado. Ao rememorar o que aconteceu construímos novos significados que dizem respeito ao que foi e ao que ocorre no momento. A imagem funciona como mediadora da narrativa presente para um fato que esteve no passado, e desse modo, colabora para a construção de novos significados sobre o que já havia sido construído. (BORGES; LINHARES, 2008, p. 133).

Assim, a utilização de fotografias e narrativas na pesquisa qualitativa, como objeto de estudo e conhecimento das experiências de vida, possibilita uma variedade de transformações significativas enquanto proposta de aparatos imagéticos, principalmente em se tratando de elementos contribuintes a diferentes formas de educação e comunicação, uma vez que “as atividades realizadas pelo indivíduo constituem parte integrante de sua cultura e de sua história construídas socialmente.” (BORGES; LINHARES, 2008, p. 59).

Para que o objetivo proposto possa favorecer resultados significativos no tocante à utilização da imagem fotográfica em entrevista narrativa, atuando como mediadora dos processos de educação, a construção de dados foi feita partindo da pesquisa qualitativa, utilizando texto e imagem a partir de fotografias e de entrevistas narrativas, enquanto mecanismo de construção de conhecimento, tendo como aporte os referenciais descritos por Walter Benjamin (1996) e Bauer e Gaskell (2007), estabelecidos para a análise das imagens registradas nas narrativas das idosas.

As regras de procedimentos para a Entrevista Narrativa, que foram utilizadas na pesquisa, podem ser sintetizadas no quadro a seguir:

Quadro 1 – Fases da entrevista narrativa

<b>Fases</b>	<b>Atividades</b>
Preparação	Leituras e exploração do Campo; Formulação de questões de interesses da pesquisa.
Iniciação	Participar às entrevistas todos os passos da entrevista narrativa e a utilização de fotografias.
Narração central	Não interromper; Expressar encorajamento não verbal para a continuação da narração.
Fase de perguntas	“que aconteceu?”; “tem mais algo a acrescentar?”; Não dar opiniões.
Fala conclusiva	Parar de gravar; Fazer perguntas do tipo “por que?”; Fazer as anotações depois das entrevistas que não tiveram condições de serem gravadas, tipo: gestos etc.

Fonte: Adaptado a partir de: BAUER; GASKELL, 2002, p. 97.



Tendo em vista as especificidades do objeto de estudo: Narrativas de mulheres idosas, moradoras do bairro Palestina na cidade de Aracaju – SE, sobre as concepções de Educação, iremos situar acerca do bairro Palestina:

Fotografia 1 – Vista do Bairro Palestina, Aracaju/SE, 2010.



Fonte: Francisco, fotógrafo amador, neto de D. Maria José, 2010 – Fotografia selecionada para o Jornal Cinform, nas folhas dos bairros de Aracaju/SE.

O espaço físico do bairro Palestina é delimitado pela prefeitura como integrante da zona norte de Aracaju. Limitando-se ao norte com os bairros 18 do Forte e Cidade Nova, ao leste e ao sul com o bairro Santo Antônio e ao oeste também com o bairro 18 do Forte. Segundo dados, do ano de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o bairro Palestina tem 4.340 habitantes, dos quais 2.816 são considerados ativos, desses 1.736 homens e 1.080 mulheres, estando na faixa etária entre 25 a 59 anos (ficando a maioria da população entre 40 a 49 anos), 1.104 crianças e adolescentes e 420 são considerados inativos por estarem acima dos 60 anos, desse total são 238 homens e 182 mulheres. A taxa de escolaridade é considerada boa: em média 80% dos residentes.

O entorno imediato do bairro é formado pela Avenida Visconde de Maracaju, que possui uma intensa circulação de carros e pessoas. Dentro de seus limites existem imóveis com arquitetura antiga. A região do bairro é composta por ladeiras que dão acesso a outras ladeiras, tendo também pequenos estabelecimentos (mercearias, salões de beleza, de costura) que funcionam informalmente.

Até 2012, o bairro Palestina dividia com o bairro Santa Maria a responsabilidade do aterro sanitário da cidade de Aracaju, porém, no mês de junho de 2013, o Ministério Público destinou o aterro para o município de Nossa Senhora do Socorro, no povoado Taboca.

As idosas desta pesquisa, nomeadas por Dona Helena, Dona Maria, Dona Maria José, Dona Nega e Dona Olívia, têm, respectivamente 73, 83, 68, 102 e 94 anos de idade. Todas são viúvas e moram com filhos e netos, exceto Dona Maria que é separada e mora sozinha. Seus locais de nascimento, pela ordem de nome, são: Nossa Senhora do Socorro/SE, São Paulo/SP e as três últimas são naturais de Aracaju/SE (ver Quadro 2).

Quadro 2 – Informações básicas das idosas “conselheiras da vida”

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Estado Civil</b>	<b>Estado de Origem</b>	<b>Morada</b>	<b>Escolaridade</b>
Helena	73	Viúva	N <sup>a</sup> Sr <sup>a</sup> do Socorro	Filhos e netos	Primário
Maria	83	Separada	São Paulo	Sozinha	Primário
Maria José	68	Viúva	Aracaju	Filhos e netos	Primário
Nega	102	Viúva	Aracaju	Filhos e netos	Primário
Olívia	94	Viúva	Aracaju	Filhos e netos	Primário

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

Esta pesquisa qualitativa tem como objetivo geral compreender as concepções de Educação a partir de memórias de um grupo de mulheres idosas, utilizando fotografias dos seus acervos pessoais e suas narrativas. Para tanto, foi necessário uma investigação da contribuição da fotografia como recurso que propicia nas participantes, a partir de um processo de rememoração, o contato com sua memória. Sendo assim, buscamos nas narrativas e fotografias das entrevistadas, a composição de diálogo sobre a concepção de Educação dentro da história e da formação formal e/ou informal de cada participante; procuramos responder também de forma satisfatória à seguinte questão metodológica: A utilização de fotografias em entrevistas narrativas contribui para a rememoração?

Pensando nessa questão é que trazemos o embasamento teórico para os conceitos que subsidiaram essa pesquisa: Fotografia: Dubois (2005), Barthes (1980), Samain (2005); Memória: Benjamin (1987), Bosi (2004); e Narrativa: Bauer e Gaskell (2007).

Para desenvolver o tema, este trabalho está estruturado em dois capítulos. No capítulo 1, intitulado “Tecendo Memórias”, enfatizamos a ideia de Benjamin (1987) quanto ao passado que precisa ser restaurado através da memória, como também as ideias de Bosi (2004), que analisa a experiência pessoal, principalmente de idosos, com os eventos diários, registrados na lembrança e que podem ser compartilhados com o pesquisador.

No segundo capítulo, intitulado “Fotografias e Concepção de Educação”, considerando a fotografia como um instrumento para auxiliar na rememoração, foi fomentada a discussão acerca da contribuição da imagem fotográfica para a compreensão da concepção de Educação das mulheres idosas. Trazemos a ideia da leitura da fotografia segundo Barthes

(1980), para o qual a estrutura da fotografia não pode ser analisada isoladamente, ou seja, ela comunica outra estrutura que é a linguagem da própria imagem, fazendo registro histórico do momento, fixando um tempo que não volta. Também buscamos embasamento em Dubois (2005), pois para o autor a fotografia não é apenas uma imagem, ela inclui o ato de sua recepção adquirindo sentido; continuando sobre o assunto, temos os ensinamentos de Samain (2005), para o qual a fotografia veicula pensamentos, muito mais do que a imagem em si mesma.

Abordamos ainda nesse segundo capítulo a fotografia como um dos múltiplos processos educativos, aliada à ressignificação da memória, embasando-nos nas ideias de Bauer e Gaskell (2007) sobre entrevista narrativa, para os quais ela é tratada tanto como fenômeno (o ato de narrar-se), quanto como método de investigação. A pesquisa encontra aporte na pesquisa qualitativa, utilizamos fotografias dos acervos pessoais e suas narrativas, coletando dados que foram construídos a partir das entrevistas narrativas, constituindo-se assim texto e imagem, partes significativas das análises, tendo como suporte teórico os referenciais descritos por Benjamin (1996) e Bauer e Gaskell (2007).

Aliada a tais argumentos, apresentamos nesse capítulo a concepção de Educação, segundo cinco mulheres idosas com idade variando entre 65 e 102 anos, que moram há mais de trinta anos na mesma localidade (bairro Palestina, Aracaju/SE), escolhidas por serem conhecedoras da história da trajetória de um sítio que se transformou em bairro, sendo fundadoras e viúvas de fundadores do bairro Palestina, constituindo-se como memória viva do bairro, e, principalmente, porque são consideradas pela comunidade local como “conselheiras da vida”. Todas elas possuíam fotografias de família e participaram voluntariamente da pesquisa.

As entrevistas foram realizadas entre os meses de junho e julho de 2012, na residência de cada uma das entrevistadas, na localização mencionada acima, totalizando quatro encontros, utilizando neste procedimento os seguintes materiais: bloco de anotações, caneta, gravador e fotografias das entrevistadas. Os dados foram construídos a partir das transcrições das entrevistas gravadas, realizadas com as idosas individualmente e posteriormente revisadas e aprovadas pelas entrevistadas.

Para a construção dos dados, os quatro encontros foram previamente marcados com cada entrevistada. No primeiro, lemos o termo de consentimento para participação em pesquisa, solicitação à permissão dos familiares e das entrevistadas, explicando o procedimento a ser utilizado, com os objetivos da pesquisa, tendo a necessidade de gravar as falas e de ter acesso às fotografias, e só então foi solicitada a assinatura do documento, tanto

da entrevistada, como do pesquisador. Começamos a ouvir as histórias de vida das entrevistadas, transcorrendo de forma compreensível, não sendo interrompidas pela pesquisadora-entrevistadora. Somente após a indicação de uma coda<sup>1</sup> narrativa (por exemplo: “Então, era isso: não muito, mas mesmo assim...”), a pesquisadora-entrevistadora começou com as suas perguntas.

O segundo encontro destinamos à entrevista narrativa, com o objetivo de ouvir as narrativas, deixando as entrevistadas à vontade para decorrerem sobre a sua compreensão de Educação. Porém, a fim de orientar nosso segundo encontro com as idosas, organizamos uma entrevista com seis questões abertas, além da identificação da entrevistada, que tiveram por objetivo instigar cada entrevistada a narrar sobre a sua concepção de Educação, pois esta foi a categoria de análise selecionada. As questões encontram-se no apêndice deste trabalho.

Já no terceiro encontro, com auxílio de fotografias, ouvimos as histórias de cada uma que foi selecionada por elas. Acreditando que, se não é possível reviver o acontecimento, pois ele se foi, ao menos se pode conferir o indício *daquilo* ou *de quem* que, em algum tempo e lugar, existiu, como possibilita-nos o encontro com a fotografia. Realizamos questionamentos para obtenção de esclarecimentos sobre o que possivelmente pode ficar sem entendimento, empregando somente as palavras das entrevistadas, sem apontar possíveis contradições narradas. As entrevistadas foram convidadas a acrescentarem o que quisessem em suas narrativas.

Ao finalizarmos com o quarto encontro, no qual não utilizamos o gravador, empregamos questões do tipo “por que?”, para possibilitar discussões que trouxessem mais explicações sobre as informações durante a entrevista narrativa formal (gravada). Essa fase também possibilitou a avaliação do nível de desconfiança percebido inicialmente em uma das entrevistadas, sendo uma informação importante para a interpretação da narração no seu contexto.

As entrevistas foram transcritas na íntegra. Após a transcrição, o documento foi analisado baseado nos teóricos Jovchelovitch e Bauer (2007), que expõem técnicas metodológicas para trabalhar com entrevistas narrativas em pesquisas qualitativas. Nas análises, foram inseridos os quadros comparativos e os trechos narrados pelas entrevistadas para melhor compreensão do leitor.

Durante a consecução da análise do conteúdo produzido pelas entrevistas, mediante os estudos realizados com os dados, elencamos a seguinte categoria: Educação, consoante ao

---

<sup>1</sup> Coda é o mecanismo funcional que faz com que a perspectiva verbal volte ao momento presente. (BASTOS, 1992).

objetivo geral. Essa categoria selecionada previamente pode ser constatada em todo o processo de construção da pesquisa, envolvendo desde a seleção de fotografias pelas idosas até a interpretação dos seus relatos obtidos com as entrevistas narrativas.

Por fim, nas considerações finais, foi realizada uma reflexão sobre as interlocuções realizadas entre o aporte teórico e os resultados da pesquisa, apontando a contribuição dessa pesquisa na análise da concepção de Educação, nas narrativas das idosas que foram rememoradas com a mediação da fotografia.

## 1. TECENDO MEMÓRIAS

Maravilha-te, Memória!  
Lembras o que nunca foi,  
E a perda daquela história  
Mais que uma perda me dói.

Meus contos de fadas meus –  
Rasgaram-lhe a última folha...  
Meus cansaços são ateus  
Dos deuses da minha escolha...

Mas tu, memória, condizes  
Com o que nunca existiu...  
Torna-me aos dias felizes  
E deixa chorar quem riu.

(Fernando Pessoa)

O estudo da memória proposto nesta dissertação não visa especificar as representações dos modelos mentais, e sim como as pessoas constroem as concepções quando falam sobre os eventos passados. Compreendemos as memórias como fontes privilegiadas e guardiãs do saber, mesmo concordando com Benjamin (1987, p. 202) ao afirmar que “[...] o saber que vem de longe encontra hoje menos ouvintes que a informação sobre acontecimentos próximos”. Acreditamos que a partir de experiências e vivências passadas, a memória faz sua construção no presente. Construída ao longo da vida, a história de cada um sempre é um episódio relevante, mesmo num cotidiano de atividades corriqueiras. Benjamin (1987) dá ênfase à memória, como significado para a história de cada indivíduo.

A memória é tecida a partir do presente, empurrando-nos para o passado, numa viagem imperdível e necessária, fundamental para que possamos produzir outros encadeamentos, outros modos de compreender o acontecido, outras possibilidades de narrativa, significando e ressignificando nossa história e produzindo novos sentidos para a nossa vida e para a vida de outros (BENJAMIN, 1987, p. 214).

Conforme a citação de Benjamin (1987), somos privilegiados pela nossa memória, o que já nos aconteceu está presente nela (memória) hoje e constitui um processo contínuo da nossa história. Ainda sobre memória, Pollak (1989) a define como produto social: “[...] a memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (POLLAK, 1989, p. 2). Neste sentido, a memória tem uma rede

complexa de significados, sendo organizada de acordo com a evocação da situação comunicada. Mesmo com o registro de a memória ser um processo individual, ela é um fenômeno coletivo e social. Para tanto, as narrativas individuais têm pontos comuns com a história da coletividade, indissociável da organização social, e todos se beneficiam com isso.

Nos históricos dos povos antigos a memória encontra-se rodeada de rituais místicos, pois para a rememoração do passado exigia-se conhecimento da tradição de cada povo. Portanto, a identidade cultural dos povos equivale também à preservação da memória. “Na mitologia grega, a memória era sacralizada na figura da deusa Mnemosine, irmã de Cronos, o deus do tempo. A memória erigida como senhora do tempo, constituía para os gregos a chave de todo o conhecimento e, por conseguinte, a fonte da humanização” (BESNIER, 1999, p. 56). Deste modo, podemos perceber que existe uma relação intrínseca da memória com o tempo, então não podemos estudar memória sem levarmos em consideração o tempo.

### 1.1. TEMPO E MEMÓRIA

Para Benjamin (1996, p. 12): “todo dia é o último dia. E o último dia é hoje”. Então, onde está a função do tempo? Segundo Bosi (1994, p. 59) a memória “[...] não constrói o tempo, não o anula, tampouco. Ao fazer cair à barreira que separa o presente do passado, lança uma ponte entre o mundo dos vivos e do além, ao qual retorna tudo o que deixou à luz do sol; realiza uma evocação.” É preciso ter uma renovada relação com o passado, principalmente no que diz respeito à sensibilização para perceber outros espaços como obtenção e consolidação da memória.

[...] O tempo que, para os povos antigos, era medido pelo fluxo contínuo da passagem da sombra, da água ou da areia, não era passível de seccionamento ou fragmentação [...] O fluir do tempo foi transformado em uma sucessão de segmentos de duração fixa. O homem se libertou do Sol e passou a depender agora do acionamento rítmico das engrenagens dos relógios [...] o tempo se tornou invisível: não se deixou tocar, ouvir, saborear nem respirar. (POHLMANN, 2005, p. 74).

Assim, a nossa percepção do que provém o tempo, nunca cessa, porém em ritmos diferentes e de forma não linear. Neste pensar, para os filósofos gregos, o tempo das ideias é desprovido de cronicidade (BENJAMIN, 1996). Ainda sobre o tema, Ricouer (1994, p. 85) salienta que “[...] o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo

narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal”.

Trazendo para a nossa pesquisa, entendemos que as idosas entrevistadas, ao narrarem os fatos, não estavam preocupadas em uma sequência linear, elas narraram conforme as evocações. Podemos exemplificar com algumas expressões, retiradas da pesquisa, como: “*espere um pouco, lembrei-me de algo, muito antigo deste lugar e do meu tio!*” (Dona Maria José, 68 anos, 2012). Outra entrevistada, expressa:

*Como é engraçado, o tempo já passou e eu não me esqueço das coisas que passei tanto sofrimento, tanta dor, mas não já devia ter esquecido, todas as vezes que olho para aquela casa da esquina? Parece que a minha cabeça teima em lembrar! Afinal, já passou! Por que será que não esqueço?* (Dona Maria, 2012).

As experiências trazem marcas que se perpetuam no espaço e no tempo, e essas idosas atravessaram uma determinada cultura social que deixou marcas desse tempo que já é conhecido, pois ao serem evocadas, essas são lembradas em relação com o lugar, uma vez que elas lá permanecem há pelo menos trinta anos.

O idoso tem uma forte ligação com o lugar. Afinal, todas as lembranças estão enraizadas em seu espaço, em sua paisagem habitual. A modificação da paisagem do qual faz parte sua vida – a velha casa do velho amigo, que não resistiu às velhas paineiras que se enfileiravam na rua de sua casa, onde ao entardecer os pássaros faziam algazarra, o velho rio, hoje morto, que rendia boas pescarias e boas prosas com os amigos nos finais de semanas, todos continuam vivos, preservados em sua memória, na memória de seu grupo (ALMEIDA, 2004, p. 43).

As idosas entrevistadas vivenciaram diversas experiências e foram hábeis em relatar os seus conhecimentos, principalmente em justificar o porquê do não “desenvolvimento” do bairro, como as mudanças ocorreram para a “parada no tempo” desta localidade:

*[...] de alguma coisa serviu para o bairro continuar desse jeito: [olha para o céu pisca o olho, e continua] para que ninguém e nada quebrasse as coisas das nossas lembranças. Você entende? É como se tudo tinha que ficar assim, como está e aí a gente não se sente que já está indo é como tudo estivesse parado aqui e tudo fica mais leve na minha cabeça. Penso como realmente o tempo tivesse parado, olha aqui minha filha: tenho certeza que são poucos lugares que guardam essas coisas de velho* (Dona Maria, 2012).



Diante disso, os acontecimentos vividos e contados pelos narradores trazem informações que têm significados, como também justificam as suas ações empreendidas que articulam com o passado e o presente para resguardar as suas memórias, como se só a eles (moradores) coubesse o direito desta lembrança.

Não é a memória do que percebemos no presente; não é a memória do que fomos, é a memória do que somos e que jamais deixamos de ser, ainda se não tivemos conhecimento disso. É ela a que figura o tempo, a que abre ou fecha o porvir. Sua presença, às vezes até sua insistência, se explica porque existe no passado – E, portanto também no presente – algo que, de certa maneira, não foi vivido. (LAPOUJADE, 2011, p. 18).

Como uma ação que traz o tempo à tona, a memória conota a cultura e o indivíduo, sendo que cada pessoa vive esse tempo diferentemente. Então, o processo de memorizar, enquanto evocação, não é automático nem tampouco linear, dá margem a outros caminhos que podem aflorar à memória subterrânea, e que, em algum momento da vida, reivindicam o conhecimento da mesma por parte de todos que o cercam. Este tipo de memória jamais será esquecido pelo indivíduo, sendo apenas silenciado pelo próprio tempo.

O filme *Santiago* (2007) é uma demonstração surpreendente de como a memória tem a habilidade de narrar histórias comuns e incomuns. O protagonista, Santiago, é um mordomo que narra sua vida de forma interligada à sua paixão por tudo que representasse a vida da nobreza antes e depois de Cristo. Sendo assim, todos os fatos relevantes foram documentados por ele, Santiago, ao longo da sua existência, em mais de 30.000 páginas datilografadas. Segue um trecho do documentário:

Trinta anos colecionando estas páginas. Mais de 30.000 páginas da aristocracia universal. Aristocracia durante quase seis mil anos, começando pelas primeiras dinastias de Ur etc. Depois os assírios, os hititas, os egípcios, e depois as dinastias do oriente, as dinastias dos chineses, dos Zhou, dos Tang etc. [...] A história dos papas, por exemplo [...], eu tenho tudo anotado em ordem alfabética. (SANTIAGO, 2007).

Possivelmente, Santiago datilografou essas páginas, numa tentativa de impedir, a qualquer tempo, que aquelas vidas desaparecessem de sua memória. E continua durante o filme a narrar demonstrando sempre o entrelaçamento da sua paixão pela nobreza com a sua vida:

Eu botei neles parte da minha vida, meus sentimentos, porque à medida que eu ia tomando a história deles, vivia aquilo, me transportava naquele então,

não? Por exemplo, quando os fenícios que vinham com os elefantes e cruzavam os Alpes, e acompanhavam aquele exército [...] por eles que lutavam contra os romanos. E depois os gregos que lutavam contra os persas, contra os reis persas, que foram vencidos no tempo de Alexandre II de Macedônia [...] Eu me pergunto: por que morre essa gente? Eles são bons não deveriam morrer, não? Sim estão mortos. Para mim não estão mortos! Sobretudo fim de semana, os ventilo, pomo ao sol, eles tomam ar [...] Então converso com eles todos [...] Apesar de tantas línguas, de tantos idiomas distintos, eles me compreendem [...] (SANTIAGO, 2007).

Ao mesmo tempo o diretor do filme, SANTIAGO, faz uma revelação do seu distanciamento do protagonista Santiago, já que o mesmo tinha sido mordomo da sua residência, e agora que estava aposentado. Durante as filmagens, o diretor não interagiu com Santiago e impôs sua condução ao filme. Enquanto espectador da obra, esses são momentos de desconforto, principalmente quando o diretor confessa:

[...] A maneira como conduzi as entrevistas me afastou dele. Desde o início, havia uma ambiguidade insuportável entre nós que explica o desconforto de Santiago. É que ele não era apenas meu personagem; eu, não era apenas um documentarista. Durante os cinco dias de filmagem, eu nunca deixei de ser o filho do dono da casa, e ele nunca deixou de ser o nosso mordomo [...] E no fim, quando Santiago tentou me falar do que lhe era íntimo, eu não liguei a câmera [...] Enquanto viveu [...] foi salvo por coisas tão gratuitas quanto a dança no parque de que gostava tanto. Com elas, quem sabe? pôde suportar a melancolia de quem suspeita que as coisas não fazem mesmo sentido. (SANTIAGO, 2007).

Uma narrativa comovente do diretor e, de certa forma, também melancólica, talvez pelo possível não aproveitamento das narrativas, da vida e da fascinante memória de Santiago.

Portanto, a memória é um recurso que nos convida à desacomodação do efeito prático de reprodução do modo de pensar e de saber, exigindo de nós uma interatividade para produzir conhecimento superando o definido, as visões limitadas e encaixadas de aprendizado, levando ao entendimento da fluidez do tempo, diferentemente de cada cultura, cada indivíduo.

O tempo social absorve o tempo individual que se aproxima dele. Cada grupo vive diferentemente o tempo da família, o tempo da escola, o tempo do escritório. Em meios diferentes ele não corre com a mesma exatidão. Há o tempo da igreja, em que a pressa fica mal, não se deve ter pressa de rezar... Há tempo do comércio, em que a pressa vale ouro. O tempo do comprador não é o do flanador nas ruas. (BOSI, 1994, p. 418).

Precisamos de calma para entender a demarcação do tempo que se entrelaça com a da história, permanecendo enquanto acontecimentos lembrados. Não muito raro há deslizamentos de um acontecimento na localização temporal. O grau de interação que envolve os eventos é do que depende a força desta evocação na nossa memorização, sem contar que existe a tendência de remodelação das experiências, que carregadas de sentidos são úteis para o presente vivido.

O documentário *Morro da Conceição* (2005) tem o tempo como elemento norteador das narrativas expressas nas descrições das festas comunitárias, nos relatos sobre a chegada dos antepassados ao morro e sobre a vida dos oito idosos entrevistados. Assim como nossa pesquisa, esse documentário é estruturado por entrevistas narrativas, e são auxiliadas por fotografias pessoais, que trazem a passagem do tempo para o espectador e as suas formas pensadas e vividas nas quais exercem função de valorização da memória. O filme escolhe moradores idosos de um bairro, pela sua importância como 'patrimônio imaterial' e pela relação com a cultura portuguesa predominante. Já na nossa pesquisa, a escolha das cinco idosas perpassa pela importância de serem fundadoras e viúvas de fundadores do bairro, moram na mesma localidade há mais de trinta anos, como também por serem consideradas, pelos moradores, como "conselheiras da vida".

Em ambos, documentário e nossa pesquisa, as entrevistas foram realizadas dentro das casas dos entrevistados, para que pudessem narrar sobre si, sobre sua relação com a localidade. Essas entrevistas, na maioria das vezes, apresentaram um quadro de saudosismo nos discursos que narram sobre o tempo, e se colocam muitas vezes como vítimas do processo de modernização e apontam também perda dos laços sociais.

Podemos dizer que em ambos os relatos dos idosos (filme e pesquisa), a história vivida está mergulhada em raízes de costumes e crenças dos nossos antepassados. Recebemos estas informações sem a preocupação do que é próprio, nos são passadas tal qual a maneira como foram passadas aos nossos antepassados. Acontecimentos considerados pelos entes como algo importante são relativizados apenas enquanto se é criança. Portanto, a memória transmite a experiência vivida, dando acesso aos momentos de antigamente que permanecem como motivos para o comportamento presente. O idoso, ao lembrar o passado e acionar esta lembrança, ocupa-se da sua própria vida. Sua memória pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais próprio, mais seguro, dando uma vivacidade que parece que o tempo não seguiu outro rumo. Sobre isso, Bosi (2003) coloca os idosos em uma posição de destaque como mediadores de gerações e constituintes culturais:

A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura (BOSI, 2003, p. 15).

Remeter à memória dos idosos é um legado dos significados históricos, na sua percepção, sendo refletido nos seus limites favorecidos pela compreensão da produção de conhecimento da sua experiência de anos. “Às vezes, os velhos olham sem ver, buscando amparo em coisas distantes e ausentes.” (BOSI, 1994, p. 75).

Ainda de acordo com Bosi (1994), os idosos ao recordarem algum fato, trazem a expressão *meu tempo*, carregada de saudosismo, não pertencendo ao tempo dos mais jovens, considerando como seu tempo o tempo de outrora, da labuta, onde a motivação era a realização de atividades consideradas produtivas.

Na simplicidade das suas experiências, o tempo aparece ao homem comum como constituinte da própria existência, seja que ele sinta o tempo como o vento que impulsiona as velas do barco da vida numa única direção, seja que experimente o tempo como um túnel imenso pelo qual tudo tem que passar particularmente ele. [...] O homem comum sabe que sua existência reside no tempo, mas não é o tempo, pois aquela passa, enquanto este fica. (PINO, 2003, p. 50).

O idoso se considera, portanto, um sobrevivente que não é mais o mesmo. Para tanto, a emoção toma conta da evocação do passado, cheia de vivacidade, debruçada nesse tempo que pode também ser o tempo vivido como uma experiência diária. Desta forma, compreendemos que, mesmo com as influências do coletivo, a forma de concepção do tempo depende de cada pessoa, esse tempo está repleto de conteúdos que vão ser absorvidos pela memória. Bosi (1994) salienta ainda que a memória permite a relação do presente com o passado, interferindo nas representações atuais.

Como citamos anteriormente, a temporalidade está associada à memória. Porém, essa memória favorece reflexões sobre suas experiências narradas com acontecimentos atuais e futuros (BOSI, 2004). Segundo Bergson (1990), a memória desloca as percepções, e nela há existência de força subjetiva variando conforme a necessidade do momento, podendo ser ao mesmo tempo profunda e ativa. Bosi (2003) complementa atribuindo à memória a função de dar vida ao passado vivido.

Como Santo Agostinho que, nas *Confissões*, chama a memória de “ventre da alma”, Bergson poderia dizer que, para ele, a memória é alma, ou seja, a conservação do espírito pelo espírito. [...] Começa-se a atribuir à memória uma função decisiva na existência, já que ela permite a relação corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no curso atual das representações (BOSI, 2003, p. 38).

Portanto, a sociedade determina em boa medida como devemos desempenhar nossas funções e com que categorias vão ser pensadas, o que vale tanto para o indivíduo quanto para a coletividade. Assim, acabamos sendo o que lembramos, e se pudéssemos estudar os modos pelos quais nos lembramos, ordenamos e estruturamos nossas ideias, os modos como transmitimos nossas memórias, descobriríamos que existe uma história destas maneiras de proceder, apreenderíamos as memórias no movimento da história. Errante (2000) traz em seu texto uma citação de três autores sobre esta relação entre memória e rememoração: “Memória não é simplesmente um exercício de lembranças; há muitas formas de rememorar e diferentes razões por que nós queremos (ou não queremos) rememorar” (FENTRESS; WICKHAM, 1992; TONKIN, 1991 apud ERRANTE, 2000, p. 147).

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, porque estas operações não são naturais (NORA, 1993). Então, as memórias que temos das nossas reminiscências da infância, da escola em que estudamos, de todas as práticas vividas têm uma validade relativa, histórica, já que são construídas socialmente. “Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois” (BENJAMIN, 1996, p. 40). Dentro desta perspectiva, a memória é uma evocação do passado, como garantia da nossa identidade, que guardamos e atualizamos nos nossos registros das experiências do tempo.

Segundo Certeau (1982), na educação a memória coletiva se insere como mediadora, renovando as interpretações de entendimentos nas relações sociais como também geracionais. Os interlocutores tomam conta dessa memória coletiva, onde o repasse de conhecimento transita pelos eventos que motivam a celebração do legado histórico. Então, a memória interfere nas representações atuais, misturando as percepções de ontem e hoje. Tal como nos esclarece Bergson:

Aos dados imediatos e presentes dos nossos sentidos nós misturamos milhares de pormenores da nossa experiência passada. Quase sempre essas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais retemos então

apenas algumas indicações, meros ‘signos’ destinados a evocar antigas imagens (BERGSON, 1990, p. 183).

Segundo o autor supracitado, nas lembranças não se tem percepção pura. A memória tem uma função prática que limita a indeterminação da ação ou do pensamento e nos leva a repetir comportamentos que são considerados exemplares. A percepção está impregnada de lembranças misturadas às nossas experiências adquiridas e a memória é a soma desta totalidade.

#### 1.1.1. Tipos de memórias

Segundo Bosi (1994), existe duas memórias, a memória dos mecanismos motores, chamada de *memória-hábito*, onde o corpo secreta esquemas de comportamento adquiridos pela repetição e pelo esforço (como saber de “cor” pela exigência de um adestramento habitual); e, por outro lado, as lembranças singulares, podendo ser chamadas de lembranças puras (*imagem-lembrança*), que trazem as lembranças de fatos acontecidos ou imaginados como acontecidos. A imagem-lembrança, sendo um momento ímpar da vida, não é mecânica, mas sim evocativa, pois o ato de recuperação mental de uma determinada imagem é um ato de representação do real, fazendo história e constituindo a memória através da evocação. Sobre o assunto, Berg (2008, p. 36) comenta: “A memória atua evocando na mente do espectador coisas que dão um sentido pleno e situam melhor cada cena, cada palavra e cada movimento no palco. Partindo do exemplo mais trivial, a cada momento precisamos lembrar o que aconteceu nas cenas anteriores”.

Sonhos que estariam latentes nas zonas profundas do inconsciente são trazidos por um instante por essa memória imagem-lembrança, enquanto que a memória-hábito já agrega aos costumes do dia-a-dia. O indivíduo ao evocar/lembrar faz a sua reelaboração, não exatamente o contar do que aconteceu, pois a vivência do presente interfere no processo de reconstrução. As relações sociais constituem a memória nos campos de significação, que são campos de representações sociais através de símbolos e determinados códigos. Esses códigos simbólicos são as linguagens falada e escrita, que constituem um dos fatores mais importantes de estruturação das memórias. Para Bosi (1994), a pessoa idosa tem em si as duas memórias (memória-hábito e imagem-lembrança), uma vez que dispõe de mais tempo para a evocação das suas lembranças, como também, quanto aos hábitos adquiridos.

Para esta autora, a convivência com os grupos sociais, em particular o relacionamento familiar, é determinante para a memória individual, pois de algum modo os outros nos fazem lembrar: “O maior número de nossas lembranças nos vem quando nossos pais, nossos amigos, ou outros homens, no-las provocam” (BOSI, 1994, p. 55).

Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação. (BOSI, 1994, p. 410-411).

Ainda referente à memória coletiva, Pollak (1989, p. 9) afirma que: “Aplicada à memória coletiva, a abordagem construtivista irá se interessar pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias”.

Pode-se dizer que uma vez considerada como produto da memória coletiva, somos nós, enquanto indivíduos que temos as nossas recordações, que acessamos o que tem significado para nós, e nos cabe, em determinado momento, abriremos essa porta (memória). Para Bosi (1994), em alguns episódios da vida vivemos o presente com a ótica do passado, e vai e vem sem saber o porquê de estarmos lá num período longínquo que invade o presente, aflorando os fatos lembrados como uma memória-sonho, sendo ordenados pelo hoje. Então, cada memória individual parte da relação com a memória coletiva, onde os nossos afastamentos alteram essa relação.

Segundo Bergson (1990) é importante nos interessarmos pelo diálogo entre a memória, o corpo, o cérebro e as funções mentais superiores, para o entendimento da contribuição individual à coletividade e vice-versa. A memória representa uma síntese das vivências coletivas anteriores, tendo a linguagem como organizadora dos seus significados. O poder da memória coletiva sobre a memória individual ocorre mesmo tendo a diferenciação na narração dos fatos, o contexto amplo sempre é trabalhado.

De acordo com Bosi (2003), existe uma produção de memória coletiva no interior de cada classe social, tendo poder de propagação se respaldando nas ideias e valores que caracterizam determinada classe. Ensinaamentos culturais trazidos pela memória sobrevivem como vestígios da singularidade de um grupo ou comunidade, podendo constituir-se na construção de leitura de mundo pelos indivíduos que passam pela experiência. Os quadros sociais, de certa forma, permanecem como chaves para a fixação do conteúdo das lembranças, e para as interpretações da realidade vivenciada pelo indivíduo. Vejamos na narrativa de Dona Maria:

*[...] Hoje eu tenho um pensar mais muito diferente do que tinha no passado, já perdoei, meu marido, vejo que tem piores, tenho é pena dele por desvalorizar o carinho dos filhos [...] estou muito velha, e lembro perfeitamente do que mim aconteceu, mas sei que não devemos fazer os outros sofrerem, o que passei está lá, já foi, mais é a minha experiência, não dos meus filhos, apesar de terem passado uma parte dessas experiências, mas eram pequenos, inocentes [...], nada será como antes e posso fazer que seja melhor o hoje e quem sabe o futuro é só seu melhor[...] (Dona Maria, 2012).*

O ato de lembrar refaz o presente, tendo como base as experiências do passado e esse ato instiga a imaginação que, conseqüentemente, é trabalho, e não sonho. Sendo assim, a sobrevivência do passado nos remete a dúvidas quanto à expressão: “tal como foi”. Por mais que seja, aparentemente, verídica uma lembrança do passado, ela não é a mesma quando experimentarmos o fato em si, como, por exemplo, na infância, pois a nossa percepção não é a mesma do momento acontecido, também não temos a mesma idade, temos outras experiências, como também estamos em outra época. Sobre este tema, Benjamin (1996, p. 9) nos assegura que: “Experiência vivida, característica do indivíduo solitário; esboça, ao mesmo tempo, uma reflexão sobre a necessidade de sua reconstrução para garantir uma memória e uma palavra comum, malgrado a desagregação e o esfacelamento do social”.

Na realização de uma releitura de uma experiência de um fato acontecido, revivemos o passado, mas não tal qual ele foi. E isso é a rememoração, tópico que será melhor desenvolvido a seguir.

## 1.2. REMEMORAÇÃO E LEMBRANÇAS DE EXPERIÊNCIAS

Socializamo-nos no cotidiano ao narrarmos qualquer fato, ao fazer isso estamos nos comunicando e as lembranças fazem parte das nossas vidas. Festividades são momentos da sociabilidade familiar, que remetem ao tempo passado. No espaço doméstico legitimamos a construção simbólica da memória, dando dinamismo à vida social e pessoal. Em alguns relatos familiares são comuns, na recordação, as mudanças na trajetória de vida dos entes, sobressaindo-se a emoção dos conteúdos narrados. E de forma seletiva, essas lembranças reconstroem os significados. “Cada história é o ensejo de uma história que desencadeia outra, que traz uma quarta, etc.; essa dinâmica ilimitada da memória é a da constituição do relato, com cada texto chamado e suscitando outros textos” (BENJAMIN, 1996, p. 13).



Através da memória acessamos momentos que estão adormecidos aguardando serem redescobertos por nós. Os modos que lembramos esses momentos é o testemunho da nossa própria vida assim que a narramos. Neste pensar, os idosos nos passam o devir da tradição de sua experiência, na substância viva da existência, tão viva que não dá para ficar na contemplação, precisa ser narrada:

Ao se reunir os construtores e os responsáveis mais jovens pode-se levar adiante o fenômeno da existência. A narração histórica, que pode ser dada por núcleos temáticos, concede a chance de perfazer-se intersubjetivamente a consciência de mundo, tanto para os construtores da história cotidiana como para aqueles que dela dependem. É preciso ter visão emancipadora das narrativas dos mais velhos, sob pena de apenas se ficar numa linguagem contemplativa, como se fossem naturais os constrangimentos que se fazem sobre os corpos e as mentes de todos (BOTH, 1996, p. 32).

A narrativa do idoso fortalece a certeza de pertencimento da história da própria comunidade, dando-lhe garantia de identificação dos valores que constituem o indivíduo na comunidade. De acordo com Benjamin (1994, p. 198) “[...] a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores”. A narração diz respeito à tradição oral, às histórias contadas de pais para filhos, às histórias de indivíduos que se destacam nas comunidades.

O narrador é conhecido pela sua transmissão sábia da tradição, do tipo de experiência que vivenciou, da família ou de uma comunidade, podendo ser ele aquele que aceita e transmite as tradições de uma determinada comunidade, ou aquele que traz algo de longe para dentro da comunidade. Correspondendo assim à existência de dois tipos de narradores, constituindo-se um híbrido. Para Benjamin (1994), ambos compartilham experiências tendo o que contar. A proveniência de seus conhecimentos é o que os diferencia. Porém, o próprio Benjamin (1994) nos esclarece que a noção de que o conhecimento que *vem de longe* tanto poderia ser de um longe espacial, quanto de longe temporal. Para Benjamin é justamente esse conhecimento do sujeito que lhe caracteriza como narrador.

A identidade dos indivíduos coletivos tem colaboração da memória dando suporte necessário para deparar-se com si mesmo. A memória, que é vida, se produz na história, sendo essa de todos e ao mesmo tempo de ninguém, enquanto que aquela de fato é individual e grupal, se fixando nas lembranças. Talvez por isso que a rememoração, quando narrada, nem sempre é segundo a experiência vivida do narrador. Isso impede que a narração seja efetuada de maneira lógica, há sempre um ponto a menos ou a mais.

O narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira (BENJAMIN, 1994, p. 221).

Ainda segundo Benjamin (1994), a narração, na sua constituição, não deve ser confundida com a exclusividade da experiência do narrador, ele próprio é a experiência da tradição como um todo. A obra do narrador se compõe da rememoração de experiências diversas. E isso se deve à sua sabedoria, pois ele conduz o seu ouvinte a um saber, de certa forma objetivo, sobre aquilo que é contado. Como “conselheiras da vida”, pouco foi narrado pelas idosas pesquisadas, pareciam esquivar-se em conversar sobre o assunto, porém quando não eram interrogadas, a “conselheira da vida” fluía:

*[...] Eu gostava muito quando era procurada para ouvir as pessoas da família e direcionar suas vidas, pedia permissão aos anjos do céu e muitas vezes, ficava em lágrimas, só pelo fato de alguém me procurar, acredita? E aí, ouvia todos e perguntava: se tivesse no lugar do outro o que faria? E a resposta às vezes já estava ali, só eles que não enxergavam! Era bonito, ser convidada para tomar decisões da família. Para não esquecer o que foi acertado ali, eu colocava num caderno tudo e a data, E isso, minha filha, aprendi com a vida. (Dona Helena, 2012).*

O atributo da memória está na garantia da continuidade do próprio tempo que é preciso para ser compreendida. Mesmo na rememoração dos fatos, a experiência é singular, as histórias ouvidas por outrem são incorporadas dentro da nossa vida, como bem salienta Bosi:

É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas ideias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma *história* dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates. Elas foram formuladas por outrem, e nós, simplesmente, as incorporamos ao nosso cabedal. Na maioria dos casos creio que não seja um processo consciente (BOSI, 1994, p. 407).

Dentro desta compreensão, o resultado de uma experiência é avaliado pela produção de conhecimento, não de competências individuais e do esforço, mas como acontecimento da comunidade, sendo um instrumento educacional que beneficia os ouvintes e os narradores dessa memória. Neste contexto, para Bosi (1994), a memória é uma soma das vivências da coletividade, com seus significados organizados pela linguagem, tendo proximidade entre o

passado e o presente. O conteúdo das lembranças tem significados internalizados da época em que foram constituídos. A rememoração só pode aparecer quando se narra.

A rememoração da concepção de Educação, narrada por cada idosa entrevistada, ultrapassa os limites da própria lembrança, estando ligada ao nosso instrumento auxiliar (fotografia). Nos depoimentos narrados, reconstrói-se *aquela fase* da vida. Interessante como recuperam lugares, pessoas, atividades e como *aquelas fotos* foram significativas de uma lembrança de experiência da sua vida. Como:

[...] *Naquele tempo, os professores ajudavam na educação da vida, sabe como? A respeitar os mais velhos, a pedir a benção, a rezar antes de dormir [...] aquela fase da minha vida eu aprendi muito e fica pra sempre, a gente não esquece mais, é para o resto da vida [...] aquela foto que de ficar na geladeira desmanchou [...], tenho saudades dela. Benção meu papai, peço sua benção, mesmo sem foto [...]* (Dona Olívia, 2012).

Dona Olívia chora por não ter em mãos *aquela foto* tão significativa para o seu ritual de respeito e admiração ao pai e das lembranças suas que ela dissemina para todos os seus familiares. Presenciamos a reverência de todos os filhos com o ritual de pedir a benção de Dona Olívia, vivenciando os seus valores. E com a pesquisadora, Dona Olívia, ao perceber sua chegada, já estendia a mão para que a mesma também realizasse o ritual de pedir a benção.

Conforme já mencionamos, as lembranças individuais não são completamente do sujeito, trazem conteúdos que têm significado e importância para o coletivo, que é mediado pela narrativa de outrem, repassando aspectos constituídos de significados para ele, porém o ouvinte faz a sua seletividade a partir da sua representação. Como nos traz Benjamin:

Mais uma vez: conhecemos uma outra experiência. Ela pode ser hostil e aniquilar muitos sonhos florescentes. O filisteu realiza a sua “experiência”, eternamente a mesma expressão da ausência de espírito. O jovem vivenciará o espírito, e quanto mais difícil lhe for a conquista de coisas grandiosas, tanto mais encontrará o espírito por parte em sua caminhada e em todos os homens. (BENJAMIN, 1996, p. 24-25).

Neste sentido, então, a experiência é passada de pessoa a pessoa, sendo fonte de todas as narrativas, essas contadas por anônimos, que interpretam e, junto com os ouvintes, vão tecendo outras experiências, que certamente serão contadas e ouvidas de forma singular. Benjamin (1996) destaca que existem dois grupos de narradores, o que viaja e traz algo a contar desta viagem para aqueles que ficaram, e o outro é o que fica na sua terra e conhece

todas as histórias e tradições. Ambos conservam as suas características próprias, contanto que as suas experiências sejam comunicáveis: o saber de terras distantes e o saber dos antepassados.

O autor comenta sobre a arte de narrar como *discurso vivo* em decadência:

Nada seria mais tolo que ver nele um “sintoma de decadência” ou uma característica “moderna”. Na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas (BENJAMIN, 1996, p. 201).

É possível concordar com a colocação do autor, enfim os fatos nos chegam já explicados, não necessitando de outras interpretações a não ser aquela que é oferecida inicialmente. No caso da rememoração das narrativas, é exigido do ouvinte um processo de assimilação da história contada, a qual será reservada na própria experiência, e talvez um dia também conte, espontaneamente, o que ouviu a outros. Para Bosi (1994), de alguma forma está em declínio, nas famílias, a arte de trocar experiências. Tudo está sendo relativizado pela opinião, e já temos a convicção da veracidade dos fatos através da legitimidade dos meios de comunicação que não permitem mais questionamentos.

Com base nas leituras de Benjamin (1996) e Bosi (1994), compreendemos que é necessário experimentar os valores e o universo das trocas de experiências, e que isso pode produzir efeitos positivos na constituição educacional, pela organização crítica dos interlocutores, passando pela percepção da constituição do entendimento do próprio cotidiano como legado dos seus antepassados. A conservação da unidade social é realizada pela memória de um grupo, reconstruindo as diversas experiências em uma identidade. O ambiente também influencia na evolução do grupo e, ao adotar novas ideias e terem novas representações, as memórias coletivas se metamorfoseiam, não necessariamente acontecendo a rejeição do seu passado, mas sim uma reinterpretação e reordenamento para os quadros de suas novas condições de existência. Acreditamos que se devesse explorar e pensar a Educação a partir da experiência e sentido, pois as palavras criam realidades e produzem sentidos. Como bem descreve Bondía:

As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que

nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras (BONDÍA, 2002, p. 2).

Portanto, creiamos no poder das palavras, como o que podemos fazer com elas e o que elas podem fazer conosco. Para Barthes (1987, p. 28): “[...] qualquer sistema semiológico se cruza com a linguagem”. Então, o sistema semiológico tem seus significados quando interliga com a linguagem e essa, no caminhar do conhecimento, perpassa pela valorização das palavras. O impacto das palavras tem efeitos extraordinários, pois segundo Bosi (2003), a fala revela muita informação sobre os indivíduos e ajuda a dar significados aos nossos eventos passados. Continuando com Bosi: “Falar nem sempre é pragmático, no sentido de coordenar a ação sobre o mundo, falar aproxima as pessoas e as coloca num campo de significados comuns.” (BOSI, 2003, p. 2). O modo como agimos com o mundo e com nós mesmos fundamenta-se nas palavras. Aristóteles define o homem como “vidente dotado de palavras”.

A frase mais verbalizada pelas idosas pesquisadas foi *o que passei*, que em latim significa: *passare* = “pisar, caminhar, passar”, de *passus* = “passada, ritmo da caminhada”. Sobre o assunto, Benjamin (1996) já nos alertava sobre a pobreza de experiências, remetendo ao que passamos e se isso nos toca, caracterizando como raridade esta vivência.

[...] não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, nada vos toca, que algo de decente possa resultar disso. (BENJAMIN, 1994, p. 119).

O que falta às vidas que evocamos precedentemente? Pode-se dizer que carecem de realidade, de liberdade, de vitalidade, mas antes de tudo carecem dos movimentos que os tornariam mais reais, mais vivos e mais livres; privam-se do impulso que os liberaria de seu destino, ou melhor, curvam cada movimento que nasce para esse mesmo destino. (LAPOUJADE, 2011, p. 20).

Na riqueza das experiências narradas, vemos gradações divergentes e similares, cada uma atribuindo sentido peculiar, revelando-se nas falas. E essas falas também traziam as lembranças da reconstituição da infância e de acontecimentos históricos que eram fatos comuns entre elas:

*Lembro muito bem, o que passei, como se fosse hoje! Todo mundinho correndo... era as tantas da noite e o rádio anunciava que o bando de lampião estava lá, mais lá na serra de Itabaiana, você sabe onde fica? Fica um pouco longe daqui nun é?. Eu pequinininha e meus irmãos ficávamos*

*debaixo da casa! Espi só se tem cabimento!* [risos e uma boa gargalhada] (Dona Nega, 2012).

*Muita coisa eu tenho guardado aqui na cabeça, das coisas que passei, às vezes vem tudo de vez, mim lembro como se a coisa estivesse acontecendo. Isso é normal minha filha? A minha primeira boneca foi eu que fiz e ainda não vi uma boneca assim, bem feita como a minha, só na da filha do governador, mas não feita por gente, foi feita por máquina que faz tudo igual! Há...! Eu vi a boneca da filha de um povo importante que morava no centro, tinha o mesmo tamanho que eu. Eu acho que era filha de um mocinho: Sr. Tobias Barreto, magro, alto, muito cheio de pose. Eu não trocaria a minha pela dela! Às vezes dou risada sozinha com as minhas lembranças, das coisas que passei, [silêncio por alguns instantes e continua] coisa de velho sabe?! (Dona Helena, 2012).*

Nestes trechos, selecionados das entrevistas, nota-se que os acontecimentos históricos, nas falas das narradoras, ganham uma vivacidade que é destituída na história oficial. As lembranças reveladoras de situações não exploradas pela história oficial guardam uma roupagem corriqueira. No que se refere à reflexão em torno da importância da história extraoficial, segundo Pollak (1989), ainda são tímidas as atividades destinadas a esse fim carecendo de alavanque de entendimento. Continua o autor a salientar sobre o assunto:

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “memória oficial” [...] essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados (POLLAK, 1989, p. 9).

Um novo entendimento de fazer história deve ser provocado, com a intenção de enriquecer a voz dos protagonistas anônimos, apropriando-se destes valores, dando um novo olhar acerca da história convencional, tendo a pretensão de também educar pela memória, assumindo um legado histórico.

Experiências particulares, ao tornarem-se públicas, merecem reflexão por parte dos que as ouvem, pois como reflexão do processo atual de construção de fatos, a memória estabelece o conhecimento de forma ímpar, elaborando as situações vivenciadas, pelas impressões existentes na consciência de cada indivíduo.

Benjamin (1996) concebe que a ideologia sistêmica imposta é produto que fragmenta a memória, deixando-nos incapacitados de estabelecer relações com o passado, redimindo ao presente. Nesta sociedade a preocupação é com o imediato, os afazeres diários são os meios de justificar a onipresença da memória. Pela apelação ao consumismo, priorizamos a

experiência transitória e nos afastamos da memória do passado. A consequência disso é que nos desvinculamos da nossa história, perdendo a capacidade de trazer o passado para o enriquecimento do presente, ficando distante dos valores dos nossos antepassados. Pertencendo a algum grupo, as lembranças significativas são evocadas para o presente de acordo com o que nos convém. Neste pensar, Pollak (1989) expressa sobre as lembranças como que: “Esperam o momento propício para serem expressas, durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas, transmitem as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizade” (POLLAK, 1989, p. 10).

Continuando sobre as lembranças, Caixeta (2004) defende que:

Ao construir lembranças pessoais, estamos construindo nosso passado a partir do presente com a intervenção das memórias coletivas, familiares, históricas, que são organizadas e interpretadas de acordo com as possibilidades do funcionamento cognitivo humano, com a ajuda dos outros significativos. (CAIXETA, 2004, p. 218).

Portanto, um ponto de vários caminhos pode parecer unidade, mas pode ser também múltiplo. Há complexidade de convergência dos muitos planos do nosso passado, talvez nem exista mais aquela casa, aquela árvore. Aquela cidade está presente apenas na nossa lembrança-imagem, como também foi assim que transmitiram para nós, ou seja, não necessariamente o fato aconteceu, mas sim na interpretação do narrador que nos remete a termos as nossas interpretações que poderão ser contrárias às ouvidas, sofrendo contínuos retoques à medida que esta dinâmica acontece. Sem contar que aprendemos a olhar com os olhos de outrem, quando somos convidados a ouvir a sua história. Benjamin (1994) deixa claro que a tradição é uma fonte de saber e a experiência atua como modo de transmissão desse saber, ao relatar em forma de parábola um acontecimento, dando um novo sentido:

Em nossos livros de leitura havia a parábola de um velho que no momento da morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais que qualquer outra na região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho (BENJAMIN, 1994, p. 114).

Na citação acima, percebemos a proposta de Benjamin (1994) de demonstrar a propagação de conhecimento numa perspectiva de herança, possuindo legitimidade

importante para a construção da identidade de qualquer indivíduo. Entretanto, com a trajetória do desenvolvimento para a modernidade, pode acontecer a perda de experiência como, por exemplo, as histórias orais, desvalorizando os conhecimentos passados de geração a geração, que neste ritmo caíam no esquecimento, não sendo mais transmitidas, perdendo o seu valor e posição.

Benjamin (1994) nos adverte sobre a possibilidade da experiência perder o valor, vinculado à contribuição para a humanidade. Analisando este ponto de vista percebemos o quanto necessitamos de experiências, oferecidas a todo instante, desprovidas de conhecimento comprobatório, sem contar que “a experiência é uma forma de compreender o passado” (BENJAMIN, 1994, p.112), tendo a possibilidade de recuperar fragmentos significativos de uma existência. Neste sentido, acrescenta Bosi:

Cada relato remete a situações em que o depoente se envolve em interação com outras pessoas, reflete as crenças que adquiriu em seu grupo, se ancora temporalmente aos eventos que fizeram notícia e qualificaram a época [...] A vida “privada” constitui o testemunho de um tempo coletivo (BOSI, 2003, p. 4).

Os aspectos acerca da experiência são trazidos nesse relato de diversas formas, principalmente na autoridade do saber como sendo atemporal, podendo ser transmitido de tempos em tempos para todas as gerações. Quando é mencionado que o tesouro se encontra no trabalho, fica implícita uma mensagem de aconselhamento, que segundo Benjamin (1994, p. 50) “é, naturalmente, uma das formas através da qual a experiência se perfaz”.

Os pontos de vista de quem ouvimos ajudam-nos a termos evocação múltipla alicerçada em outras visões sobre o mesmo fato, porque nem sempre estamos aptos a reviver e aceitar a nossa própria história. Como descreve Bosi:

As testemunhas que retificam uma lembrança não conseguem sempre fazer-nos revivê-la. Podendo escutar, surpresos, o relato de uma cena de nosso passado sem conseguir revivê-la; Se nos traçarem um quadro onde esquecemos nossa atenção, podemos reconstruí-lo, aceitar nossa parte nele, mas não nos enxergamos no fundo desse espelho embaçado, queremos sondá-lo e ele não devolve nosso rosto (BOSI, 1994, p. 413-414).

A história define de alguma forma a maneira da nossa atuação na sociedade, influenciando as gerações futuras, em que o lugar dessa história se ocupa de convivências diárias que interferem na memória coletiva, que sobrevive também nas lembranças grupais, uma apoiando a outra. É preciso entender essas lembranças, confrontando sempre com



atenção a nossa compreensão de mundo e das demais pessoas com as quais fazemos parte do cotidiano, a fim de nos reconhecermos enquanto indivíduos históricos.

Nas lembranças acontecem as modificações convenientes para pertencerem à matéria da memória. Assim, nos empenhamos em dar explicações sobre determinados fatos acontecidos, como que nos desculpando pela “falha” cometida e os relatos individuais ganham força na compreensão de uma memória de grupo, portanto:

Se a memória grupal pode sofrer os preconceitos e tendências do grupo, sempre é possível um confronto e uma correção dos relatos individuais e a história salva-se de espelhar apenas os interesses e distorções de cada um. A memória pode percorrer um longo caminho de volta, remando contra a corrente do tempo. (BOSI, 1994, p. 420).

A significação subjetiva dos fatos depende da possibilidade da compreensão das próprias experiências. Segundo Benjamin (1996), a sociedade atual está vivendo um processo reprodutivo, que não raramente impede o indivíduo de criar determinados significados da própria vida. O modo de sermos se configura nas relações sociais, então a subjetividade é uma produção social. Porém, neste sentimento de pertencimento ao grupo, cabe apropriarmos-nos da concepção da visão individual, considerando a possibilidade da originalidade individual experimentada no decorrer da própria história, impondo um sentimento único, restando uma instância em que a subjetividade não poderá ser alcançada.

Para Bosi (1994), como recurso, a memória possibilita novas formas de percepção e de compreensão no desenvolvimento individual e coletivo, oportunizando novos significados no contexto da vida. Nesta troca de visões, enriquece a análise dos fatos, propiciando diferentes aprendizagens sobre uma única situação. Então, não estamos sós, existem muitas pessoas interessadas em melhorar as suas práticas, buscando outras interpretações e explicações que oportunizem uma reflexão coletiva.

Os idosos possuem um elo entre as suas vivências e as suas concepções por deterem percepções qualificadas no entendimento sobre a prática da vida e das atividades sociais, e isso, de alguma forma, transcende as informações convencionais, também do ensino, sendo assim, salienta Bondía:

Depois de assistir a uma aula ou a uma conferência, depois de ter lido um livro ou uma informação, depois de ter feito uma viagem ou de ter visitado uma escola, podemos dizer que sabemos coisas que antes não sabíamos, que temos mais informação sobre alguma coisa; mas, ao mesmo tempo, podemos dizer também que nada nos aconteceu, que nada nos tocou, que com tudo o

que aprendemos nada nos sucedeu ou nos aconteceu (BONDÍA, 2002, p. 22).

Para Bosi (1994), vivemos atualmente uma *sociedade de informação*, e de tanto ouvirmos esta expressão, às vezes dá a conotação de conhecimento, aprendizagem, e assim vamos substituindo os termos informação, conhecimento e aprendizagem como se o conhecimento estivesse estritamente relacionado à informação e o aprendizado fosse o processar dessa informação. A narração, neste caso, comporta-se como elemento de tradição que permeia o mundo moderno, extinguindo-se a figura do narrador que aconselha, traz a tradição como também é capaz de dar continuidade a uma história de si, de uma comunidade e de um povo. E o idoso, guardião da história, enquanto narrador das experiências, permite a presença do reviver dessas tradições, como adverte Bosi:

Há dimensões da aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: o reviver o que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram, e participam de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir e andar. Não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias. (BOSI, 1994, p. 32).

Precisamos sair da pressão que o presente nos impõe, para apreciarmos a riqueza de significados do passado que nos oferece mais lucidez em meio à diversidade do dia a dia. Pois, segundo Bosi:

Entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser reproduzido. A memória é a faculdade épica por excelência. Não se pode perder, no deserto dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades, passamos do côncavo de uma para outra mão. A história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos (BOSI, 1994, p. 90).

Quando se é criança ainda há esperança de se ouvir com prazer os eventos narrados pelos anciãos, chegando ao deslumbre de como se estivesse *vendo os fatos acontecerem*, naquele exato momento entram na história. Quando estas vozes morrem, parece que as crianças perdem o guia das suas imaginações. E quando essa criança cresce e se depara com a era moderna, muitas das vezes, não só não fala da sua história como não sabe escutar sobre ela.

Benjamin (1996) destaca que as narrativas não são elementos estáticos, tornam-se produtos de reflexão que constroem a identidade afetiva, a partir da concessão qualificada no repasse dos conteúdos, pois na mediação espontânea são destacados os apelos constituidores dos anseios coletivos. Não significando a mera aceitação dos propósitos históricos, mas de ter possibilidade de reconstrução da realidade configurada. É necessário retomar a linguagem do passado para aperfeiçoar os significados que, de alguma forma, alteram a identidade social, ao ponto que as lembranças familiares, quando compartilhadas entre os seus, criam vínculos que se enraízam na história de todos, mesmo que individualmente:

As lembranças do grupo doméstico persistem matizadas em cada um de seus membros e constituem uma memória ao mesmo tempo una e diferenciada. Trocando opiniões, dialogando sobre tudo, suas lembranças guardam vínculos difíceis de separar. Os vínculos podem persistir mesmo quando se desagregou o núcleo onde sua história teve origem. Esse enraizamento num solo comum transcende o sentimento individual (BOSI, 1994, p. 423).

Compreendemos que os acontecimentos sociais influenciam o grupo familiar e esse mesmo grupo filtra as interpretações de acordo com a unidade e coesão estabelecidas na atmosfera dos agregados deste núcleo. Cada família tem suas lembranças e seus segredos que ficam entre as paredes do lar. Há eventos antigos dos quais todos lembram com satisfação ou não, mas que têm representatividade. Fatos familiares que nos foram contados, em grande parte, ao lembrarmos, são incorporados como nossos, porém, são do cabedal familiar, e:

*[...] todo mundo sabe por que já não é mais segredo, antes só se conversava sobre essas coisas, moça que não era mais moça, hoje quem sabe quem é moça e quem não é?! [risos], mas eu vi um homem tomando banho no rio, e ainda eu era moça. Chorei três dias e três noites achando que não era mais moça, só porque vi um homem pelado, mas não contei a ninguém; e eu era besta, prá ninguém querer casar comigo?! Minha mãe e minha tia, um dia contaram que já tinham visto esse homem, bom acho que era o mesmo! Mas todo mundo já sabia que esse homem era o filho do dono do sítio que queria pegar as moças e levar para a casa dele. Mesmo assim, só contei quando tinha dois meses de casada para o meu marido. (Dona Maria José, 2012).*

Fazendo uso da narrativa, Dona Maria José, bastante emocionada e aparentemente assustada, parecia ter dado vida à sua recordação passada, narrava de forma como se realmente estivesse vivenciando aquele acontecimento, principalmente ao mencionar: *um homem tomando banho no rio...*, ela simplesmente fechou os olhos, colocando a mão na testa e fazia gestos de desaprovação da sua conduta de outrora.

Segundo Benjamin (1994), *intercambiar* experiências e dispor dos que sabem *trabalhar* com o tempo é a faculdade da narração, e na sua prática interagem mão, voz e a alma. E essa interação em torno da narrativa acaba por desenvolver uma das mais “antigas formas de trabalho manual”.

A narração floresceu num meio de artesão, [...] é ela própria uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa da vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 1994, p. 205).

O supracitado autor salienta ainda que, sendo o narrador artesão da narração, sua experiência é sua matéria, esse não deve estar alheio ao que conta. E para melhor assimilação da narrativa, exige, do ouvinte e do narrador, entrega e dedicação.

Podemos mudar de região, de país, mas o vínculo familiar é irreversível. Um parente, no seio familiar, é julgado pelo que ele apresenta na vida diária, não pelo que representa socialmente. Portanto:

Na constituição da memória familiar são importantes os contatos com outros grupos. Uma família pode ter morado longos anos num mesmo bairro, formado vínculos estreitos com a vizinhança, suas lembranças brotam de um e outro, dada a íntima vivência com ambos. Se podemos reagrupar em nossa subjetividade lembranças de espaços sociais diferentes, podemos também sobrepor imagens do mesmo espaço social. (BOSI, 1994, p. 432).

As lembranças referem-se a lugares onde os eventos ocorridos, de algum modo, são descritos sob algum ponto de vista que atraía a afetividade ou foi marcante para todos. Para o indivíduo idoso a destruição de um lugar que outrora teve significado para ele, pode representar que algo de si também foi destruído. A sua tristeza não vai mudar o rumo dos acontecimentos, o grupo é quem pode recompor traços de uma vida passada, trabalhando para reconquistar as coisas perdidas, para que não haja a dispersão tem que haver resistência coletiva. Para Bosi (1994), a frase: *Já não existe mais*, dilacera as lembranças. As histórias oficiais triunfam e fazem parte de outras histórias pessoais, que nas memórias podem ter sentidos diferenciados e as situações do presente nos fazem lembrar, propondo a diferença de ponto de vista.

O reviver não pode ser banido, deve ser um processo contínuo para possíveis realizações, mesmo em lembranças, das coisas que ficaram latentes. Nas trajetórias de vida

das idosas pesquisadas, a atividade do lembrar teve vez porque as mesmas estavam livres das ocupações laborais, elas tinham todo o tempo na total disposição, ao ponto de quererem participar mais e mais, sem hora para acabar. Como podemos observar na verbalização de Dona Helena (73 anos, 2012): “*A senhora vai ficar para o café! A minha neta, faça o café, porque só saio daqui quando a moça cansar!!! Eu tenho o dia todo sem ocupação! É bom lembrar das coisas [...]*”; e também na narrativa de Dona Nega (102 anos, 2012): “*É bom ter pessoa, como a senhora, que gosta de conversa de velho. [risos] A gente esquece que anoiteceu! Tem uma canjica logo ali na mesa, feita pela nega aqui! Vai comendo pra ficar mais um pouco, certo?*”.

Nas entrevistas elas demonstravam interesse pelo passado, interrogavam cada vez mais, ressuscitam detalhes fazendo questão de comentar cada um deles. O vínculo com o passado lhes faz compreender coisas do presente, e é sempre uma experiência evocativa profunda que potencializa a busca de confirmação do que se passou, recuperando o precioso tempo. Bondía (2002) sintetiza a importância do tempo para a experiência:

A experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo. Tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. E isso se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera (BONDÍA, 2002, p. 23).

Neste sentido, assistimos ao transcorrer dos acontecimentos de forma quase que instantânea, somos levados à busca do novo o mais rápido e fragmentado possível, nos impedindo de realizar a conexão de forma significativa entre os acontecimentos, e em vez disso há a substituição de outro acontecimento igualmente fragmentado, ao ponto de ficarmos insaciáveis com as novidades e andarmos sempre à procura de novos acontecimentos e descartarmos os anteriores, usando o tempo como mera mercadoria, pois não se pode *perder tempo*, tem-se que *aproveitar o tempo* e, neste pensar, já se não tem mais tempo, ficando numa aceleração contínua e nada nos acontece, nada nos toca.

Então, a experiência é a matéria a ser trabalhada pelo narrador, sem pressa, quase um trabalho artesanal que demanda tempo e pode ser modificado a qualquer tempo. E, neste movimento, as imagens fotográficas agregadas às experiências foram aliadas à narração de cada entrevistada. A seguir, no próximo capítulo pontuamos as potencialidades das fotografias como elemento de mediação para a entrevista narrativa.

## 2. A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO REMEMORADA EM FOTOGRAFIAS

Essencialmente toda imagem nada mais é do que uma pincelada de cor, um naco de pedra, um efeito de luz na retina, que dispara a ilusão da descoberta ou da recordação. (Manguel, 2001).

Este capítulo está dividido em dois subitens. No primeiro, temos a abordagem sobre a imagem fotográfica segundo os teóricos selecionados e no segundo apresentaremos a análise das concepções de Educação, para um grupo de mulheres idosas, potencializadas pela fotografia pessoal.

### 2.1. A IMAGEM FOTOGRÁFICA

As imagens fazem parte deste trabalho como um dos elementos de mediação para a construção das narrativas. Trata-se de cinco mulheres idosas que narraram a concepção de Educação com auxílio de fotografias advindas do seu acervo pessoal. Neste sentido, entendendo que as imagens são complexas de significados, seguimos em uma explanação teórica sobre o tema.

Dado o hiato temporal entre um objeto e sua imagem, e já que tal objeto necessariamente já desapareceu no momento em que eu vejo uma imagem, poderia haver ali um tipo de jogo fantas(magórico)tico? Seria possível uma fotografia surgir como imagem sonhadora? Ou, se formos ainda mais longe, tomando emprestada a famosa metáfora de Freud, poderíamos dizer que uma fotografia literalmente realiza os trabalhos do inconsciente? (DUBOIS, 2005, p. 88).

Concebemos que as imagens constroem conhecimentos dentro de uma dada cultura. Ver imagens fotográficas implica adentrar em metamorfose do observador e no que foi registrado. É “a transformação do sentido do ‘eu’ em ‘outro’” (BARTHES, 1987, p. 44). A fotografia certamente produz sentido no olhar de si e dos outros. Segundo Aumont (1993, p. 201): “A imagem representativa, portanto costuma ser uma imagem narrativa, mesmo que o acontecimento contado seja de pouca amplitude”. Então, o significado da imagem tende a sofrer transformações a partir da interação informativa, inserida no contexto histórico do indivíduo. Assim, a imagem fotográfica contém um conjunto de significados, capazes de representar ideias, crenças, conhecimentos e valores do indivíduo ou de uma comunidade. O autor ainda descreve sobre o sentido contido nas imagens:

Se a imagem contém sentido, este tem de ser “lido” por seu destinatário, por seu espectador: é todo o problema da interpretação da imagem. Todos sabem, por experiência direta, que as imagens, visíveis de modo aparentemente imediato e inato, nem por isso são compreendidas com facilidade, sobretudo se foram produzidas em contexto afastado do nosso. (AUMONT, 1993, p. 250).

Neste sentido, utilizaremos análises de imagens fotográficas, onde Kossoy (2005) argumenta que, neste tipo de análise, a informação é concentrada no visual acontecido, podendo ter várias informações sobre um determinado acontecimento já vivenciado, funcionando como um fragmento de outrora. Também utilizaremos, nas análises, a sua função de registro, pois essa função, segundo Ball e Smith (1992), é utilizada para documentar determinada ocorrência de pessoa ou objeto fotografado, importando não só o conteúdo presente, mas também a capacidade de presentificar o passado de cada entrevistada na sua complexidade e individualidade. Como forma de comunicação, as imagens se expandem a cada dia e nos cercam o tempo todo, carregando significados de tempo e sociedade. Por isso, imagem e narrativa formam um par com muito potencial, e junta construirão significados:

A atração dos retratos de família corresponde, pois, a uma necessidade de identificação com uma imagem. A necessidade de ver como os outros nos vêem e procurar as ligações com o eu interior, que se dissociam através da busca de semelhanças e contrastes nos outros e nas metamorfoses que o tempo inscreve naquele presente atual ou transcorrido (LEITE, 2005, p. 36).

Portanto, o estudo da imagem contribui para o entendimento dos significados que os homens constroem a respeito de si e dos outros. Acerca disso, Samain (2005, p. 56) afirma que: “A significação de uma imagem permanece, em grande parte, tributária da experiência e do saber que a pessoa que a contempla adquiriu anteriormente. Nesse tocante, a imagem visual não é uma simples representação da ‘realidade’, e sim um sistema simbólico”.

Mesmo com toda carga de simbolismo, a imagem fotográfica refere-se ao índice de algo real, remete a um acontecimento que lança prova do fato ocorrido em algum momento vivenciado pelo indivíduo. Concordamos com o posicionamento do autor acima, no sentido de compreender que cada imagem possui um significado individual que independe do que se verbaliza, mas na construção da narrativa empregada em cada imagem elencada e na experiência de vida.

Vale destacar que a imagem é compreendida como um modo de narrativa que se identifica intensamente com a experiência do indivíduo. A imagem funciona como mediadora

de uma narrativa presente, para um fato que esteve no passado e, deste modo, colabora para a construção de novos significados sobre o que já havia sido construído.

Retirando as interferências da tecnologia em fotografias, Dubois (2005) descreve que ela é um documento fotográfico que presta contas do mundo com certa fidelidade. Esta prova de fidelidade da fotografia lhe concede um valor imanente à imagem representada, em certa medida, por narrar um acontecimento no espaço e no tempo, bem como um lugar no contexto das narrativas, sendo capaz de representar ideias, crenças, conhecimentos e valores.

Para Barthes (1987), o olhar de quem fotografa, sendo registrado em um determinado ponto, é identificação da produção de imagem. Essa não existe por si só, pressupõe que alguém a observe e a interprete mediante os seus processos culturais e históricos, e assim poderá trazer significados para os indivíduos. Barthes (1987) descreve que a leitura da fotografia é mediada pelo conhecimento prévio de mundo com os valores e culturas do indivíduo. Para o autor supracitado, a imagem fotográfica tem sua interpretação numa dimensão conotativa, ou seja, interpretação de acordo com o indivíduo e as informações descritas no contexto, mesmo tendo uma linguagem denotativa, onde é no real que a fotografia pretende imitar, mas de certa forma as dimensões classificadas se relacionam entre si.

Graças ao seu código de conotação, a leitura da fotografia é, portanto sempre histórica: ela depende do "saber" do leitor, exatamente como se se tratasse de uma língua verdadeira, inteligível somente se aprendemos os seus signos. [...] a "linguagem" fotográfica não deixaria de lembrar certas línguas ideográficas, nas quais estão misturadas unidades analógicas e unidades sinaléticas, com a diferença de o ideograma ser vivido como um signo, enquanto a "cópia" fotográfica passa pela denotação pura e simples da realidade (BARTHES, 1990, p. 311).

Então as fotografias contribuem como instrumentos mediadores que podem produzir significados guardados ao longo da trajetória do indivíduo e que, no instante das narrativas, vem à tona a sua forma de lidar com o mundo, enriquecida de significados.

Leite (2005) entende que, apesar das palavras não evocarem exatamente uma imagem, essa precisa das palavras para se transmitir. A fotografia faz um elo entre lembranças, imagens e palavras. As entrevistadas da pesquisa apresentaram apoio na representação visual de cada fotografia apresentada, para rememorar suas histórias, como esta que diz respeito a um ritual religioso.



Fotografia 2 – Batizado do primeiro filho de Dona Maria (1945)



Fonte: Arquivo pessoal de Dona Maria (2012).

Dona Maria (83 anos), ao iniciar a leitura da primeira foto escolhida diz:

*Estava tão assustada no dia do batizado do meu primeiro filho que nem curti o momento. O sapato estava apertado e mesmo assim não reclamei [...] Só podia tirar foto neste lugar, no canto da Igreja, a máquina do fotógrafo parecia ser grudada no chão, hoje acho que não existe mais dela. (Dona Maria, 2012).*

Possivelmente, entre a imagem e a realidade existe uma série de acontecimentos, que fazem com que o evento não seja restrito, podendo haver a rememoração do passado. Portanto, o estudo da imagem contribui para o entendimento da construção a respeito de si e dos outros em diferentes espaços e culturas.

Com estes estudos, acreditamos que, em trabalhos que envolvem imagem e narrativa, é importante que o pesquisador compreenda os significados construídos na pesquisa, uma vez que na fala com auxílio das imagens pode ser retomada a memória individual. Neste processo o pesquisador abre um leque de possibilidades para a construção e troca de conhecimentos, sistematizando-os.

A rememoração do significado da concepção de Educação descrita por cada entrevistada tem ligação com cada fotografia selecionada pelas mesmas, reconstruindo

alguma fase da vida, onde são recriadas atividades e apontam novas descobertas até então não mencionadas, que lhe foram significativas de uma experiência de vida. A exemplo de Dona Helena:

Fotografia 3 – Encerramento do cursilho de culinária – Dona Helena (maio de 1983)



Fonte: Arquivo pessoal de Dona Helena. (2012).

*Minha filha você notou que só tem eu de negra, nesta foto?! Pois sim, só depois de velha é que fiquei no meio dos branquelos, toda prosa! Quem já se viu?! Fiquei tanto tempo com essa besteira na cabeça, acho que foi coisa da minha meninice. E, pode crê, aprendi a não ter vergonha da minha cor! Sabe como? Sorrindo sempre. [risos!]. Não foi fácil, mas nada é fácil. Né verdade? (Dona Helena, 2012).*

Essa fotografia tornou-se uma provocação à memória de Dona Helena (73 anos), para outro acontecimento sem imagens: A construção da capela do bairro (capela São Joaquim). Dona Helena rememora o espírito de coletividade da comunidade, nos anos sessenta (1962, mais precisamente), pela construção da capela local, que fica no alto do bairro, tendo um líder religioso carismático e motivador:

*[...] Há hoje aqui no bairro temos uma capelinha que se chama: Capela São Joaquim é bem pequena e bonitinha... mas, deu trabalho para ficar assim [...] o caminhão com os materiais de construção não conseguia subir na ladeira e a comunidade começou a ajudar, retirando todo o material e trazendo para aqui no alto [mostra a capela que fica próximo de sua casa]. Era bonito de ver, parecia um monte de formiguinhas a trabalhar [...] a molecada fazia muita bagunça [risos!], as mulheres juntavam o que tinham em casa e faziam o almoço para todos e o padre, ah esse sempre bem disposto estava no comando [...]. Era bonito! Imagine toda a comunidade reunida, trabalhando para a construção da igreja e ninguém fazia cara feia!*

*Era bonito! E o padre cantava, batia palmas! Ele era bom nisso (dando a entender: animação)! Todo mundinho acompanhava a sua cantoria a começar pelas crianças [...] (Dona Helena, 2012).*

Dona Helena nos demonstra, na sua narrativa, que a rememoração tem seus encantamentos e encontros pessoais e grupais.

Como produção de um tempo, de certa forma, longínquo, a fotografia sempre é descrita no presente sobre um fato ocorrido no passado e nessa rememoração construímos novos significados. Diante disso, há a possibilidade de discutirmos o processo do significado das imagens:

O significado da imagem pode depender da identificação de processos diferenciados de interpretação, relativos aos níveis que se atinja no conteúdo latente. A punição e a reflexão são práticas simultâneas no processo de leitura da comunicação não-verbal e trazem para o processo, não apenas cultural e intelectual do leitor. (LEITE, 2005, p. 52).

No caso da nossa pesquisa, auxiliadas com as fotografias selecionadas pelas entrevistadas, acreditamos que as suas memórias vêm à tona. No caso da fotografia abaixo, Dona Helena, antes de abrir a caixinha de sapatos, que já estava em mãos, fala:

*Basta eu colocar as mãos nessa caixinha que parece vim todas as minhas lembranças, mim preparo para entrar em outro mundo, é meu e não é [...] Só quando abro a caixinha é que realmente meu mundo tem vida! Coisa de velho!!! Pareço criança, né? Mais gosto de conversar das coisas que não voltam mais, assim tenho a oportunidade de saber se valeu à pena viver muito ou não [...] (Dona Helena, 2012).*

À medida que ia abrindo a caixinha, víamos o olhar pasmo (pra não dizer arregalado!) de Dona Helena, após ouvir o questionamento da neta, o porquê daquelas fotos antigas guardadas com tanto cuidado. Depois de alguns instantes, como não acreditasse no que estava ouvindo, e sem responder à neta, levanta o olhar e questiona: “*viu o que é que pensam da meu tesouro?[...]*”. A neta fica parada como não estivesse entendendo ou desaprovando a atitude da avó. Buscar e abrir a caixinha de fotografia era, para Dona Helena, um gesto prazeroso, um exercício de memorização da sua própria história e em alguns momentos era mencionado pela mesma: “*Agora posso conversar com meus mortos!*”.

Fotografia 4 – Terceiro dia da aula de alfabetização para adultos – Dona Helena (2004)



Fonte: Arquivo pessoal de Dona Helena (2012)

Dona Helena, na época da entrevista com 73 anos, ao olhar a fotografia acima, rememora: *“Olha moça, tá vendo essa foto? Pra mim é a mais importante. Foi a professora que tirou, tão novinha ela era, morreu de acidente [...]. Já estava achando que não tinha jeito na vida. E já sei escrever qualquer nome, bem verdade que é devagar!”* (Dona Helena, 2012).

Enquanto atividade social, a imagem fotográfica participa de um contexto ao qual é dada significância pelo grupo social, tendo como objetivo não apenas o registro impresso, mas um registro social (BORGES, 2006). As fotografias exercem função importante para as gerações, sobre as informações do passado familiar, funcionando como preservação de um passado, carregadas de simbolismos, tendo a constatação que o tempo passou de fato. Toda fotografia se refere às impressões do momento vivido: *“Os homens colecionam esses inúmeros pedaços congelados do passado em forma de imagens para que possam recordar, a qualquer momento, trechos de suas trajetórias ao longo da vida”* (KOSSOY, 2005, p. 80).

Para Leite (2005), os retratos de família são um tipo específico de documentação fotográfica, pois se tratam de imagens já existentes, onde se analisará um material da forma de captação de imagem. Neste sentido, os retratos de família podem ser encontrados organizados por unidades temáticas ou não, agrupadas ou avulsas, identificadas ou não.

Podemos dizer que as emoções vão além das imagens, e essas, até certo ponto, não chegam a ser reveladas para ninguém. A fotografia em si não revela essas imagens, elas são impregnadas na nossa imaginação, podendo ser modificadas a cada novo olhar, a cada novo momento e situação da vida. As narrativas possibilitam que o momento das lembranças dos

fatos e emoções, do aparente vivido e registrado numa imagem fotográfica, possa ganhar novos significados.

Fotografia 5 – Dona Nega e o esposo em frente ao sítio onde moravam



Fonte: Arquivo pessoal de Dona Nega (2012)

*Esse casal que parece dois postes, é eu, quando ainda podia andar, e meu marido, faleceu sem sentir nada, ele não reclamava de nada! Tá vendo essa mata, tudo seco minha filha! Mas, fome a gente não passava, tudo tinha plantado, tinha pouco mais tinha para comer. Meus filhos precisavam estudar assim um estudo mais avançado compreende? Então, nós vendemos tudo e viemos para cá. Agora é tudo uma carestia. O dinheiro não dá pra nada! (Dona Nega, 2012).*

Segundo Kossoy (2005), a história particular de cada pessoa é restaurada e revivida na solidão da mente e dos sentimentos. Então, o sujeito entrevistado pode abarcar, no seu cotidiano, um espaço de construção de uma imagem que lhe possibilite a sua inclusão, mostrando o potencial de superação de novos desafios, de sabedoria, experiência, produção, transformação e vida que carrega em si.

Sendo assim, as fotografias pessoais possuem uma história referente ao cotidiano de indivíduos conhecidos, e, muitas vezes, elas são também compostas dos significados de suas histórias pessoais e também daqueles mobilizados no próprio momento de execução da fotografia. Um exemplo, em uma foto de família, além de representar os membros, é também a representação do local em que essa família se coloca para tirar a foto, do evento específico e dos significados que representa para cada um e o grupo, a família em sua relação com a sociedade e seus valores.

Ao rever uma fotografia, o entrevistado poderá colocar dados novos, modificando e construindo uma nova imagem, que ainda não seja uma imagem física, insere-se como uma

imagem mental. A relação da fala com a imagem é complexa e parece depender dos significados atribuídos, bem como dos contextos envolvidos. Sendo assim, a cada reconstrução da narrativa do que a fotografia de um evento representa, há a inserção de novos fatos e elementos que estão presentes no momento atual, com traços do passado e expectativa do futuro (BENJAMIN, 1996). Sobre o assunto, Leite (2005) lembra que o olhar de uma fotografia funciona no contexto espacial e temporal.

Ao olhar retratos, a pessoa que olha está sempre à procura de uma relação entre ela e a imagem, cada uma verá parcelas e níveis diferentes da fotografia. [...] Mas o olhar [...], funciona ao mesmo tempo que os outros sentidos e dentro de um contexto espacial e temporal que enriquece as impressões da imagem mental, com inúmeros aspectos. [...] O que ficou registrado pode não ser o que se quer reproduzir. (LEITE, 2005, p. 34).

Pois, “enquanto não são evocadas, as imagens permanecem inscritas e apagadas no inconsciente, protegidas contra as novas imagens exteriores.” (LEITE, 2005, p. 35).

Fotografia 6 – Dona Helena sentada no quintal de sua casa



Fonte: Arquivo pessoal de Dona Helena (2012).

*Há muito tempo moça, que não pego nessas coisas que ficaram lá prá trás, não volta mais. É verdade como foi boa minha meninice vivia no sítio, mas quando vim pra cidade as pessoas eram diferentes, cada um por si [...], pensei que isso não interessasse a ninguém, só servisse para matar o tempo! [risos!]. (Dona Helena, 2012).*

Algumas entrevistadas, como no caso acima, ao serem abordadas sobre a utilização das fotografias no momento da entrevista, aparentemente mostravam desconhecer onde

estariam guardadas, mas logo vinham com uma caixa de sapato empoeirada e amarrada com cordão. (Especificamente: Dona Helena, Dona Olívia e Dona Maria.).

Fotografia 7 – Passeio na praia de Dona Olívia e o esposo (2002)



Fonte: Arquivo pessoal de Dona Olívia. (2012).

*Tenho saudade do meu velho! Só tenho essa foto dele, já tava doentinho, pense num homem bom para os filhos, e olhe que ensinava tudo aos filhos até onde ele sabia, depois ficava triste por não saber mais adiante. O estudo dele era pouco... [silêncio por três minutos] sabia contar de cabeça, lia todo dia o jornal da vizinha, lia para ela e depois trazia pra casa e lia para os filhos, até ficar doente. Neste dia da foto, os meninos pediram um carro emprestado a uma colega e nos levaram para uma praia, não sei mais o nome dela, só sei que é a única foto que tenho do meu velho... [baixa a cabeça, vira a foto, revira e fica novamente em silêncio por longos doze minutos], vou contar uma coisa: só ele me entendia [chora e desvia o olhar para a janela], ele morreu como um passarinho, dormindo tranquilo. (Dona Olívia, 2012).*

Segundo Leite (2001), os silêncios diante da imagem fotográfica trazem importantes significados para a pesquisa. “A leitura da mensagem visual depende, simultaneamente, de uma compreensão global e de uma análise de pormenores. Mesmo sem levar em conta todos os detalhes, é possível chegar ao sentido global [...] O significado da imagem pode depender da identificação de processos diferenciados de interpretação” (LEITE, 2001, p. 51). Ainda sobre a importância do silêncio, diz Orlandi:

Nem um sujeito tão visível, nem um sentido tão certo, eis o que nos fica à mão quando aprofundamos a compreensão do modo de significar do silêncio [...] Silêncio que atravessa as palavras, que existe entre elas, ou que indica que o sentido pode sempre ser outro, ou ainda que aquilo que é mais importante nunca se diz, todos esses modos de existir dos sentidos e do

silêncio nos levam a colocar que o silêncio é “fundante” (ORLANDI, 2007, p. 14).

Portanto, as palavras podem ser atravessadas pelo silêncio, pois ele, o silêncio, fala através do não dito discursivamente, é um lugar de hesitação necessária, um fôlego que possa demonstrar o seu significado abrindo espaço para uma pausa que permite o movimento de que cala. Leite (2001) ainda salienta que os retratos de família têm conexão com o mundo privado, funcionando como norte dos acontecimentos passados da família, pois são: “Silenciosas e imóveis, ficam, também por isso, ligadas à memória dos entes queridos que desapareceram e que se tenta fazer sobreviver” (LEITE, 2001, p. 160). Com todas as idosas, em algum momento da entrevista, nos seus registros verbais há significativos silêncios, alguns com aparente melancolia, outros com saudosismo, acreditamos que sendo provocados pelas lembranças.

Segundo Berger (1999), em um mundo de acelerado processo de globalização e ao mesmo tempo de fragmentação simultânea, torna-se necessário encontrar e desenvolver outras ferramentas que abranjam as complexidades da simplicidade dos signos culturais prevalentes, como a fotografia.

Portanto, acreditamos que o modo de ver uma imagem é subjetivo, evoca a ausência de algo que pode tornar-se evidente no momento presente, mostrando como algo ou alguém tinham sido. De acordo com Berger (1999), nenhuma outra forma de vestígio pode dar o testemunho tão direto de como fomos, do que a fotografia, pois essa traz um passado a ser descoberto que nunca será exatamente como foi. No caso de Dona Maria, ela utiliza a fotografia como forma de testemunho de um fato que ela acredita ter acontecido.



Fotografia 8 – Dona Maria com seus filhos gêmeos (1947)



Fonte: Arquivo pessoal de Dona Maria (2012)

*Tenho certeza que no parto trocaram minha filha, veja: nasceu gêmeos, um menino com toda saúde, bonito... e depois trouxeram uma menina toda torta, veja aqui na foto os bracinhos tortos da moleca. Bom eu menina pobre com dois filhos pra que? Acho que era o que pensavam, que eu não tinha condições de criar. Mas, mesmo assim criei com todo amor e carinho. Agora que é minha filha, não é mesmo! Cresceu e eu disse a ela tudo isso que estou falando, sabe o que ela disse: Que eu era doida! Pode...! (Dona Maria, 2012).*

Dona Maria não aceita a justificativa da equipe de enfermagem, de que a menina tivesse demorado a nascer e os órgãos imprensaram-na e com o tempo iria ficar ‘normal’. A fotografia foi retirada em casa e ela queria ter um registro do quanto às crianças eram fisicamente diferentes, e o seu sorriso, segundo a mesma, fora apenas para “*não ficar feio na foto*”. E sessenta e sete anos após o ocorrido ela ainda fala sobre o assunto com muita indignação.

O objetivo da fotografia e a sua utilização em pesquisas, não é apenas por ser um registro impresso, mas porque permite uma construção do evento no pensamento e na memória, já que é um registro social. Para Barthes (1987), a imagem não existe por si só, guardamos fragmentos de um tempo. Ela pressupõe uma pessoa que a veja e que a interprete de acordo com seus processos históricos e culturais. Uma mesma imagem pode trazer diferentes significados para diferentes culturas e diferentes pessoas. Assim, olhar fotografias pessoais envolve sair do foco óbvio e adentrar na subjetividade que se forma a partir dos

relatos aos quais por elas somos levados. Nas palavras de Kossoy (2005), há uma indicação de que a fotografia recorda a trajetória de uma vida inteira:

Os homens colecionam esses inúmeros pedaços congelados do passado em forma de imagens para que possam recordar, a qualquer momento, trechos de suas trajetórias ao longo da vida. Apreciando essas imagens, “descongelam” momentaneamente seus conteúdos e contam a si mesmos e aos mais próximos suas histórias de vida. (KOSSOY, 2005, p. 43).

É o que podemos compreender com o relato de Dona Maria José (2012), que alisava a foto com muito zelo, enquanto falava sobre a mesma e depois um longo silêncio: *“Veja! Essa era a minha família: Meu pai, minha mãe [no meio da foto], e nós sete irmãos. Um dia chegou uma senhora pedindo à minha mãe para criar uma das meninas, daí pra frente tudo mudou, fomos separados por muito tempo!”*.

Fotografia 9 – Família de Dona Maria José. Única fotografia da família reunida



Fonte: Arquivo pessoal de Dona Maria José (2012)

A fotografia é um elemento presente no nosso cotidiano, de certa forma, cada vez mais intenso. E a partir das fotografias, todos nós construímos enredo e significados. Como observa Manini:

A passagem de tempo – inerente às narrativas – e a construção do espaço dos acontecimentos (cenários) dão-se pelo entrelaçamento das próprias imagens e fundam, com isso, uma parte que é vista – a imagem em si, aquilo que foi fotografado e que é fatia da narrativa – e outra que se apresenta de modo

subliminar, que se deduz [...] e que se constrói com ajuda do já referido entrelaçamento das imagens. (MANINI, 2005, p. 242).

Sendo assim, a imagem fotográfica quando visualizada concomitante com a narrativa, leva o indivíduo a deduzir imagetivamente o que lhe foi narrado, ou seja, o visto e o não visto têm a mesma importância. Enquanto passado preservado, a fotografia tem o seu encantamento que nem sempre se adapta às palavras: “Como as imagens têm modos peculiares de combinação menos adaptados, que a palavra, a padrões sociais, a transmissão da imagem através das palavras, freqüentemente, é empobrecedora, problema para o qual ainda não se verificou uma saída.” (LEITE, 2005, p. 47).

A interação com a imagem impregna o mundo atual, moldando os nossos valores culturais. Ao produzir as imagens, expressamos nosso modo de vida na diversidade histórica, e ao analisar essas imagens podemos entender as transformações e diferenças grupais e sociais. Experiências são reconstruídas e lembradas a partir do diálogo com os sujeitos envolvidos na pesquisa: pesquisador e narrador. No mais, a condução da mesma deve dar espaço para que o narrador relate sua experiência, de acordo com a sua condição e vontade, tendo intervenção mínima do pesquisador, pois a história de vida tem por base as experiências do sujeito pesquisado.

## 2.2. CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO POTENCIALIZADAS PELA FOTOGRAFIA

A palavra é o começo de tudo. Com a palavra, o universo começou. Com a palavra, nós começamos. Somos as histórias que moram em nós. Se as palavras que moram em nós formarem histórias belas, seremos belos e bons. (ALVES, 2011).

A fotografia enquanto representatividade de um estado do passado propicia a lembrança do fato acontecido. Porém, não sendo “uma reconstituição, um fragmento, como a arte prodigaliza, mas o real em estado passado: a um só tempo o passado e o real. [...] a fotografia é toda evidência.” (BARTHES, 1987, p. 59). As fotografias, enquanto falam de si e dos seus, concretizam-se na memória, e evidenciam como os mesmos veem a educação, a cultura, enfim, o mundo.

Para Benjamin (1994), a fotografia leva ao tempo onde ela própria andou, fica fixada na memória garantindo um lugar só percorrido pelo narrador, que ao contar a história dele tenta levar consigo o seu ouvinte, potencializando a arte de rever o tempo das suas vivências.

Tempo buscado na experiência presente sobre o passado, pois “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave (origem) para tudo que veio antes e depois” (BENJAMIN, 1994, p. 38). O ato de lembrar, subsidiado com fotografia, possibilita a recriação, mesmo por breves instantes, de acontecimentos considerados longínquos.

Fotografia 10 – Conclusão do curso de corte e costura de Dona Maria José



Fonte: Arquivo pessoal de Dona Maria José (2012)

*Essa foto, apenas é “um pedaço de papel”, me recordo desse momento como algo muito distante e especial. É como ela conversasse comigo e eu entendo ela [...]. Tá difícil, mas parece que foi ontem [...] e a danada tá aí para não me fazer mentir! Consegui estudar no curso de corte e costura, tirei até diploma! (Dona Maria José, 2012).*

Em posse de uma imagem fotográfica significativa, parece que temos uma miniatura de uma realidade que a qualquer instante pode ser apresentada ao mundo como prova inquestionável de um acontecimento. No instante da entrevista, não tínhamos realizado a leitura da foto (semblante de tristeza, mesmo num dia de formatura!), e tivemos outro momento (em 2013) com Dona Maria José para perguntarmos sobre a descoberta na nossa leitura da fotografia, ao que ela surpreendentemente narrou:

*Estava triste mesmo, essa é que é a verdade! Pois, foi um dia onde todas as minhas colegas estavam felizes, e eu ficava no canto, estava assim, de pouca conversa, amarrada, birrenta e triste. Quer saber o porquê mesmo? Minha filha aprenda essa lição: Família é o bem mais precioso! Lembra da foto que já conversamos sobre ela, a única foto da família? [se refere à fotografia*

9] *quem é que não iria ficar triste, num dia onde a família que tem tanta importância não está presente? Apenas uma tia estava presente, mais eu não tinha aproximação com ela, ela foi para eu não ir sozinha. E toda hora ficava perguntando: não é hora de voltarmos? Pense na minha tristeza! Repito: desde aquela foto, nunca mais ficamos juntos, até hoje não sei quem ainda está vivo [...] [baixa a cabeça e chora, e em alguns momentos chega a soluçar!]* (Dona Maria José, 2013).

Percebe-se que da nova narração de Dona Maria José, depreendeu-se um ensinamento de valor moral, resultando numa sugestão prática. Benjamin (1994) sugere uma dimensão utilitária da narração: “[...] essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida”. Em qualquer um dos casos, “[...] o narrador é [sempre] um homem que sabe dar conselhos” (BENJAMIN, 1994, p. 200).

E a todo instante apresenta-nos a necessidade de tomar o tempo mediante o nosso imaginário, criando assim continuidade das diversas formas de apresentarmos a história de uma fotografia pessoal.

Fotos podem ser mais memoráveis do que imagens em movimento porque são uma nítida fatia do tempo, e não um fluxo [...]. Cada foto é um momento privilegiado, convertido em um objeto diminuto que as pessoas podem guardar e olhar outras vezes [...]. Toda foto tem múltiplos significados [...], a fotografia nos faz sentir que o mundo é mais acessível do que é na realidade. (SONTAG, 2004, p. 28).

O instante da fotografia para o indivíduo tem importância mediante a captura do significado do evento, a partir da emoção e pela sua interpretação histórica e única.

Fotografia 11 – Dona Olívia na cadeira de balanço que ganhou no Dia das Mães



Fonte: Arquivo pessoal de Dona Olívia (2012).

*Estou velha minha filha, mas é essa cadeira e os pensamentos que são meus companheiros... Às vezes ouço os meus netos dizerem: a vó tá ficando doida! Que eles me veem eu rindo sozinha, assim do nada! Do nada? Ora, ora, só eu e essa cadeira sabem o que passa na minha cabeça!* (Dona Olívia, 2012).

Desde o tempo em que foi tirada esta fotografia, maio de 2006, a nossa entrevistada não mudou muito quanto ao “tempo real”, de tal forma que acontece um efeito de conflito entre a foto e a imagem do momento instantâneo, ela continua sentada na cadeira da foto, até parece que eternizou esse momento. “A fotografia acarreta, inevitavelmente, certo favorecimento da realidade. O mundo passa de estar ‘lá fora’ para estar ‘dentro’ das fotos. Nossas cabeças estão se tornando iguais àquelas caixas mágicas...” (SONTAG, 2004, p. 95).

No sentido que estudamos a relação entre memória e imagem fotográfica, entendemos que as idosas projetavam sua imaginação e organizavam as falas pelo que atribuíam importância e rebuscavam aquilo que ficou registrado na sua memória, não sendo difícil este relato com auxílio das imagens fotográficas. Desta maneira, compreendemos que ao entrar em contato com as imagens, as entrevistadas mergulham no mar das suas memórias, rememorando-as, significando-as e reconstruindo novos conhecimentos que concebem no momento presente. Ao adentrarmos o universo das histórias contadas e guiadas pela memória das idosas em posse de suas fotografias, percebemos que as imagens potencializam as entrevistas, funcionando como instrumento mediador e, porque não dizer, produto das narrativas.

As questões da pesquisa partem dos questionamentos estabelecidos para a construção do estudo, ou seja: a importância da fotografia como instrumento mediador/produto da concepção de Educação. Sob o enfoque teórico apresentado nas seções anteriores, as imagens fotográficas do acervo pessoal das idosas para as entrevistas narrativas, buscando identificar a sua concepção de Educação. Munidos com o instrumental de teorias que permeiam os estudos sobre memória e fotografia, buscamos nas imagens, nas páginas dos álbuns, nas narrativas de que dispusemos, traços para compor diálogos sobre a concepção de Educação, segundo as entrevistadas.

A construção dos dados aconteceu em quatro encontros previamente agendados com cada uma das participantes entre os meses de junho a julho de 2012.

No primeiro encontro lemos o termo de consentimento para participação nesta pesquisa, sendo concordado e assinado por ambas as partes. No termo, encontravam-se os objetivos da pesquisa, necessidade de acesso ao acervo pessoal de fotografias selecionadas pelas entrevistadas e o uso que seria feito dos dados construídos (ver Anexo B).

Nos primeiros contatos, percebemos que deveríamos atentar para algumas características das idosas, tais como a rotina particular, pois algumas delas acordavam muito cedo e também dormiam cedo. Às 5h da manhã Dona Helena já estava acordada e às 18h dormia; outras, como Dona Nega, entravam madrugada adentro, dormindo muito tarde, só depois das 24h. Seria necessário atentar para essas particularidades, e assim exercitar o ato de ouvir.

Ainda na primeira visita, agendamos os demais encontros. O contato com Dona Maria foi feito inicialmente por telefone. Ela se propôs providenciar as poucas fotografias que tinha. Durante os encontros sempre a caixinha com as fotografias estava ao seu lado, como algo muito precioso, a espera da pesquisadora.

Dona Helena, no segundo encontro, demonstrou um pouco de apreensão, principalmente no momento em que foi solicitado o empréstimo das fotografias para a reprodução. Não conseguia esconder a sua reserva em algumas fotografias, e retrucava: “[...] *nesta estou feia! [...] essa você não vai gostar! Não sei pra que você quer essas coisas de velho... Que moça é essa de espírito velho?! [...] até conversa como velho!! Eu hein!*” (Dona Helena, 2012).

Dona Nega ficava à minha espera antes do horário combinado, toda faceira, arrumada com uma tiara, confeccionada com fitas nas cores creme e rosa, na cabeça, que, segundo a mesma, usava quando ainda podia ir à missa, passando a usar nos nossos encontros e dizia:

*“Tenho pouco papel de prova do que falo [refere-se à fotografia], mas a cabeça não esqueceu de nada, está cheia de histórias!”* (Dona Nega, 2012).

Dona Olívia disse: “[...] *é muita emoção participar de uma pesquisa, parece coisa de novela* (colocava a mão na boca e expressava alguns risos tímidos)”. Ficava sentada na sua cadeira de balanço (aliás, ficou nessa cadeira em todos os encontros) e pedia à filha: *“Pequena [apelido da filha] pode ir fazer seus afazeres...”*; ficando subentendido que não queria mais ninguém na sala, além da pesquisadora. Começando sempre: *“Onde foi que a velha parou?!”*. Ao ser perguntada sobre as fotografias, dizia: “[...] *não se afobe... pego já! [...] ainda não é hora! Deixe a Pequena [filha] se interter na cozinha e esquecer da gente e ficar cantando sei lá o que...!*” (Dona Olívia, 2012). Em algum momento, não sei precisar em quanto tempo, ela olhava para os lados e juntava as mãos, como realizando uma breve prece, e em seguida pegava as fotografias que já estavam debaixo da cadeira de balanço, em uma caixa de sapatos, e conversava sobre as mesmas. (Mesmo essa cena sendo repetida em todos os nossos encontros, a pesquisadora sempre ficava na expectativa se realmente iria, de fato, acontecer mais uma vez!).

Dona Maria José viajou para outro município a fim de buscar uma fotografia que considerava importante (a única onde a família estava reunida), que estava em posse de uma de suas irmãs há mais de dois anos e ela só lembrou por ocasião da pesquisa.

Apresentamos, a seguir, a análise da pesquisa em função da entrevista. Tal análise foi organizada a partir da categoria de análise: Concepção de Educação. Os dados que categorizamos como Concepção de Educação diz respeito às narrativas que as idosas atribuem às suas vivências com a educação.

A relevância da história das entrevistadas com a Concepção de Educação deve-se ao fato de serem conhecidas por todos como as “conselheiras do bairro”, à valorização e ao respeito da comunidade a essas idosas, encontrados na necessidade dos moradores de procurarem aconselhamentos sobre as atividades da vida, onde as mesmas, de certa forma, exercem uma forma de poder na condução das famílias do bairro, e por estarem tanto tempo no mesmo local, como uma forma de referência da história do bairro.

Ao escolher como material de análise histórias de vida é possível observar fragmentos da história da cultura, percebendo e reconhecendo o tempo e o espaço em que os sujeitos se inserem. Embora sejam relatos individuais, por meio deles é possível identificar o coletivo, já que se pode considerar que os indivíduos são frutos de constituições históricas, culturais e temporais. A escolha pelas pesquisas que utilizam narrativas, neste caso, narrativas de mulheres idosas, se deu por considerar que elas são úteis e frutíferas, pois este tipo de



pesquisa pode auxiliar na reflexão sobre as ações, enriquecer a compreensão das práticas e auxiliar outros pesquisadores.

Confeccionamos quadros comparativos para realizar uma análise à temática Concepção de Educação construída por cada sujeito da pesquisa. A nós coube a função de buscar compreender a importância, as semelhanças e diferenças dessas narrativas para o mesmo ponto. Os resultados serão apresentados e discutidos de acordo com o procedimento acima. Assim, inicialmente apresentaremos as narrativas seguidas dos quadros comparativos das narrativas das pesquisadas.

Na análise, observamos a importância das dimensões temporais, colocadas nas experiências do tempo de cada idosa, e espaciais, sendo os lugares posicionados por elas nas narrativas, dimensões essas que possibilitaram o narrar de si, construídas na proporção que iam tecendo suas memórias e suas narrativas ganhavam ‘vida’.

A seguir, apresentaremos a análise das narrativas seguida das discussões. Seguem os trechos das narrativas de Dona Nega e Dona Helena:

*A velha aqui, não tem muito a dizer, minha filha! Também né, não tive estudo... assim como o seu [risos]. Mas repara que velha é essa!!! [...]. Faltou foi muito, eu não ter estudado [...]. Por que? Olha, o povo daqui não me procura mais como antes, para dar conselhos, agora eu conto nos dedos quem me procura, e se eu tivesse estudo?! Eles ainda estavam aqui no meu pé... Não era não? Diga aí, se não era! Eu não tenho estudo assim [...] avançado e aí, não sei conversar muito bem. Eu fiz até o terceiro ano, naquela época o ensino era mais fraco e as coisas que a professora ensinava eu já sabia, não do jeito dela, mas já sabia! Veja só: eu me lembro de coisas que parece estarem vivas! Me diga se isso não é coisa de doido ou da velhice mesmo? Eu tenho só a experiência da vida, é bom, mas é pouco! Queria saber das letras, entender um livro, como entendo das coisas que passaram na minha vida. (Dona Nega, 2012).*

*[...] fico pelos cantos e engano aqui e ali, quando meus filhos pedem para eu ler ou escrever alguma coisa, aí não escrevo nada, tenho vergonha de escrever errado e darem risada de mim, meu estudo é pouco mesmo [...] moça me falta as letras, fico nervosa, por escrever devagar... tenho é experiência do que vivi e só. Pronto disse!!! (Dona Helena, 2012).*

Quadro 3 – Categoria de análise: Educação (Experiência de vida)

Transcrição da Narrativa	Palavras-chave:
<i>A velha aqui, não tem muito a dizer, minha filha! Também né, não tive estudo... assim como o seu [risos]. Mas repara que velha é essa!!! [...]. Faltou foi muito, eu não ter estudado [...] e se eu tivesse estudo?! [...] Eu não tenho estudo assim avançado [...] Eu tenho só a experiência da vida,</i>	Estudo e experiência

<i>é bom, mas é pouco! [...] (Dona Nega, 2012).</i>	
<i>[...] não escrevo nada, tenho vergonha de escrever errado [...] meu estudo é pouco mesmo [...] me falta as letras, fico nervosa, por escrever devagar... tenho é experiência do que vivi e só [...] (Dona Helena, 2012).</i>	Letramento e experiência

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

A posição narrativa das idosas de “*não ter estudo suficiente*” (termo citado pela maioria) e, por isso, considerarem-se incapazes de narrar sobre educação, acreditamos que seja proveniente da cultura do passar de informações, do discurso já pronto sobre o acúmulo do conhecimento formal, e por presenciarem a comunidade, de alguma forma, não dar a devida importância à experiência. Benjamin (1994) já observava a pobreza de experiências que caracteriza nosso mundo. Para ele, nunca recebemos tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. Convocando a citação de Bondía acerca que experiência é diferente de informação, temos:

[...] a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituirmos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação, e pelo saber (mas saber não no sentido de ‘sabedoria’, mas no sentido de ‘estar informado’), o que consegue é que nada aconteça (BONDÍA, 2002, p. 21-22).

Identificamos nas narrativas das idosas, mesmo percebendo a importância da experiência, a presença de uma forte valorização do conhecimento formal. Dona Helena e Dona Nega lamentavam não possuírem títulos acadêmicos. Foi observado em seus enunciados que saber é dominar conteúdos formais, e, por terem um curto período de frequência nos bancos escolares, chegaram até a questionar sua contribuição para esta pesquisa:

[...] *o que uma conversa de velha pode ajudar, nesse trabalho que você acabou de explicar? Tanto velhos estudados, por que você procurou a gente, se a comunidade pouco faz isso? Só procuram quando estão no aperreio, é sim, mas ainda sou útil, né? A velha aqui é broca, você me desculpe [...], sabe rezar para os vivos e para os mortos, mais coisa de estudo não é comigo [...]* (Dona Nega, 2012).

[...] *eu sou bicho do mato, tendo até vergonha de falar, tem certeza que quer conversar com a preta velha? Eu sei muito pouco, tem gente mais esperto e sabido do que eu! Acho que você vai perder seu tempo comigo. Você não estudou muito? Então venha outro dia para eu ter tempo para estudar com minha filha e falar palavras bonitas e você não ficar triste com a velha [...]* (Dona Helena, 2012).

É possível analisar as narrativas de Dona Nega e Dona Helena por uma perspectiva do pensar de Bondía (2002), influenciado pelo teórico Benjamin (1994), enfatiza o saber de experiência, como aquilo que nos toca sendo diferente do saber de coisas, em que aprendemos algo, mas nada nos sucedeu. Bondía (2002, p. 22) ainda salienta que: “[...] uma sociedade constituída sob o signo da informação é uma sociedade na qual a experiência é impossível”.

Na mesma trilha das narrativas em torno do acúmulo do conhecimento formal, como propriedade para discorrer sobre Educação, seguem as narrativas de Dona Olívia e Dona Maria:

*Quem tem sabedoria é porque estudou muito. O estudo, é tudo! Tudo mesmo [...] Só deve ter cuidado para não ficar doido! [risos]. Rum, tem que ter muito cuidado [...] eu acho que às vezes não é bom saber de tudo [...], me diga você conhece algum que sabe de tudo? Se tem alguém que sabe de tudo, e você conhece, pergunte a ele(a) que graça tem saber de tudo?! [risos acompanhados de uma boa gargalhada, gesticulava como se tivesse “matado” uma charada].* (Dona Olívia, 2012).

*Eu não tenho estudo, e por isso, não sei por que tenho tanta coisa gravada na cabeça, às vezes vem tudo de vez [...] Oh diacho, e aí tenho que separar como estivesse aqui na mão, como novelo de lã que o gato brinca [...], tenho que desenrolar para enrolar novamente e desta vez arrumando as pontas que estão soltas, entende? [risos] Acho que estou ficando velha? [risos]. Bom, sabe pra que? Pra lembrar-se de mais coisas e arrumar novamente! Ah, mais uma coisa é certa: quem não tem muito estudo, como eu, não consegue gravar muita coisa!* (Dona Maria, 2012).

Quadro 4 – Categoria de Análise: Educação (Sabedoria e memória)

Transcrição da Narrativa	Palavras-chave:
<i>Eu não tenho estudo, e por isso, não sei por que tenho tanta coisa gravada na cabeça, às vezes vem tudo de vez [...] tenho que separar [...] tenho que desenrolar para enrolar novamente e desta vez arrumando as pontas que estão soltas, entende? [...] quem não tem muito estudo, como eu, não consegue gravar muita coisa!</i> (Dona Maria, 2012).	Estudo e sabedoria

<p><i>Quem tem sabedoria é porque estudou muito. O estudo, é tudo! Tudo mesmo [...] eu acho que às vezes não é bom saber de tudo [...], me diga você conhece algum que sabe de tudo? Se tem alguém que sabe de tudo, e você conhece, pergunte a ele(a) que graça tem saber de tudo?! [...] (Dona Olívia, 2012).</i></p>	<p>Estudo e sabedoria</p>
---	---------------------------

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

As narrativas das idosas sobre sua capacidade de transmitir conhecimentos perpassam pela visão do acúmulo do conhecimento formal. Mesmo sendo conhecidas pela comunidade como “conselheiras da vida”, fica evidente nas narrativas a crença de que o conhecimento formal é requisito fundamental para o repasse das experiências. Como a procura pela comunidade por esses conselhos já não é frequente, elas, de certa forma, negam essa experiência como conhecimento. Mediante as narrativas das idosas de nossa pesquisa, percebe-se um discurso homogêneo da valorização da formalidade escolar, acontecendo uma auto desqualificação das suas experiências.

Neste sentido, Benjamin (1994) salienta como as experiências vividas na infância são reveladoras do modo como os adultos se relacionam com o discurso do que foi passado, se foram marcados por situações de prazer e de sentido vivido, ou não. Abans (2003, p. 87) relata que: “[...] estas memórias da infância, do período juvenil, ficam bem registradas em nosso cérebro e voltam naturalmente à luz, com mais frequência, no período da terceira idade.”. Vejamos o que Dona Maria José traz a esse respeito:

*Na minha infância, estudei pouco, meus pais não cobravam nada, também nada sabiam [...] eu gostei sempre de ler, aí, meu pai, homem muito simples, pedia a um colega de trabalho as revistas de gibi que o patrão descartava quando seu filho já tinha lido e não queria repetir a leitura dos gibis. Nossa! Como eu ficava feliz, quando ele trazia as revistas! Ele sabia o quanto eu gostava que chegava à noite de ponta pé por que eu já estava dormindo e colocava as revistas debaixo do travesseiro[...], acredita que até pouco tempo eu ainda tinha duas dessas revistas de gibis? [fica emocionada, revira a caixinha com as fotografias e continua] Só tenho aquela foto com toda família reunida [...] Aquele homem sabia ser pai! Ele não estudou, não foi para a escola, aprendeu sozinho a ler e escrever, poucas coisas, e dizia que achava lindo quando me via na cadeira lendo as revistas, que trazia do trabalho, e sorria do nada! Fui amada, que homem bom! [com as mãos trêmulas pegava a única foto da família e beijava-a...!] (Dona Maria José, 2012).*

Quadro 5 – Categoria de Análise: Educação (Infância e participação dos ascendentes)

Transcrição da narrativa	Palavras-chave
<p><i>Na minha infância, estudei pouco, meus pais não cobravam nada, também nada sabiam [...] eu gostei sempre de ler; aí, meu pai, homem muito simples, pedia a um colega de trabalho as revistas de gibi que o patrão descartava quando seu filho já tinha lido e não queria repetir a leitura dos gibis [...] acredita que até pouco tempo eu ainda tinha duas dessas revistas de gibis? Ele não estudou, não foi para a escola, aprendeu sozinho a ler e escrever, poucas coisas, e dizia que achava lindo quando me via na cadeira lendo as revistas, que trazia do trabalho, e sorria do nada [...] (Dona Maria José, 2012).</i></p>	<p>Infância e participação dos pais</p>

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

Durante a realização da pesquisa, sabíamos que seríamos ‘tocados’ pelas narrativas e suas formas, e em todo momento fomos tocados, porém, nessa passagem possivelmente foi além. Após a narrativa e o beijo na fotografia, Dona Maria José buscou as minhas mãos e com um olhar penetrante e triste deu-me um abraço trêmulo e forte, ficamos abraçadas por um longo tempo, sem falas..., não tive como conter a minha emoção, por conta da emoção dela. Para traduzir esse momento trazemos a citação de Bergson:

Nós participantes no movimento do que se faz na medida em que nos emocionamos. É que a emoção não é um afeto que reaciona ante a presença ou ausência de algo, o qual é próprio de todos os afetos chamados ‘temporais’, é um afeto que se emociona da passagem do tempo ou do movimento dos seres enquanto tais (BERGSON apud LAPOUJADE, 2011, p. 20).

Em relação ao assunto, temos a citação de Benjamin (1979, p. 40): “A tarefa do tradutor é algo como uma trans-construção do original, uma recriação in-terpretativa dele, tocando-o como uma tangente toca um círculo, em um só ponto”. Ainda com Benjamin, sobre a relação do passado, no caso de Dona Maria José:

A nossa relação com o passado só será verdadeira se mexer conosco, se nós estivermos nos dando conta de que aquele passado nos concerne, tem algo de nós. Todo passado está carregado de possibilidades de futuro que se

perderam e que teriam (ou têm?) para nós uma significação decisiva (BENJAMIN, 1994, p. 66-67).

Acreditamos que Dona Maria José ao retornar em um dado momento do passado não deixou de possuir significados que repercutiriam no seu presente. Para Benjamin (2002), é a partir do retorno à ótica infantil que podemos ver o mundo sem o cansaço presente, característico da sociedade de informação.

É a relação entre tempo-espço constituindo os elementos formadores do sujeito o que nos interessa aqui. O que nos importa não é apenas o tempo cronológico, mas, principalmente, as relações que os sujeitos estabelecem com esse tempo e como ele influencia suas trajetórias. Amorim nos alerta sobre a importância do entendimento do olhar com vários olhares na pesquisa: “[...] a criação estética ou de pesquisa implica sempre em movimento duplo: o de tentar enxergar com os olhos do outro e o de retornar à sua exterioridade para fazer intervir seu próprio olhar: sua posição singular e única num dado contexto e os valores que ali afirma” (AMORIM, 2006, p. 99).

E Bergson (1990) traz a dimensão da fluidez do tempo, neste caso, como ocorreu na narrativa de Dona Maria José acerca dos gibis que o pai trazia para que ela lesse, e ao lembrar isso se emociona bastante, tendo em mãos a única foto da família. A fotografia que Dona Maria José fazia referência é a Fotografia 9, já reportada no item anterior.

Não há dúvidas de que o tempo não se confunde em primeiro lugar para nós com a continuidade da nossa vida interior. O que é esta continuidade? A de um fluir ou a de uma passagem [...], não implicando o fluir uma coisa que flui e não pressupondo a passagem estados pelos quais se passa (BERGSON apud LAPOUJADE, 2011, p. 9).

É com este olhar que buscamos enxergar nas entrevistas a relação com o tempo, os acontecimentos históricos do Brasil, que têm duração com a história pessoal, na narrativa delas. Assim, estamos trazendo acontecimentos pelos quais Dona Maria José passou e que passaram no País:

*[...] eu lembro que estudava numa escola não muito próximo daqui, era a única do bairro Industrial: Castelo Branco, na época era primeiro ano ginásial, o que hoje seria a quinta série, era noite, isso foi em 1968, na época da ditadura, policiais andavam em cavalos, dia sim, dia não, e tinha uma colega muito nova, com 20 anos e eu tinha 24, que não era raça de gente, colocou uma cadeira e vários panos vermelhos e uma cabeça de boneco, parecia uma pessoa e os policiais dos cavalos começaram a descer para bater no boneco e todos saíram correndo e a danada só ria... [risos e muitas palmas!], e teve também outra coisa na escola (tô falando muito?),*

*colocaram uma bomba na caixa de luz e explodiu tudo, eu nem sabia direito o que estava acontecendo, não tinha muita noção, nem sempre podia ir à escola [...] os professores davam castigo, não podia falar nada, era bem silêncio, ninguém podia reclamar de nada, senão já ia pra diretoria (Dona Maria José, 2012).*

Quadro 6 – Categoria de Análise: Educação (Educação e acontecimentos históricos)

Transcrição da narrativa	Palavras-chave:
<p><i>[...] foi em 1968, na época da ditadura, policiais andavam em cavalos, dia sim, dia não, e tinha uma colega muito nova, com 20 anos e eu tinha 24, que não era raça de gente, colocou uma cadeira e vários panos vermelhos e uma cabeça de boneco, parecia uma pessoa e os policiais dos cavalos começaram a descer para bater no boneco e todos saíram correndo e a danada só ria... [risos e muitas palmas!], e teve também outra coisa na escola (tô falando muito?), colocaram uma bomba na caixa de luz e explodiu tudo, eu nem sabia direito o que estava acontecendo, não tinha muita noção, nem sempre podia ir à escola [...] os professores davam castigo, não podia falar nada, era bem silêncio, ninguém podia reclamar de nada, senão já ia pra diretoria (Dona Maria José, 2012).</i></p>	<p>Educação e acontecimentos históricos</p>

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

Benjamin (1987, p. 224) salienta que a história é transmitida a partir do lado que se considera vencedor. “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’, é apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento do perigo”. Neste sentido, entende-se que a forma como é narrado o que se memoriza, remete a acontecimentos mobilizados como também a sua interpretação no presente momento de acontecimentos passados, que tamanha é a sua importância que são reconstruídos todas as vezes que são evocados.

Outros acontecimentos interligados com as mudanças sociais nacionais repercutiram nas mudanças locais, como as que o bairro passou, afetando a comunidade e outras regiões, como se pode perceber na fala de Dona Olívia:

*[...] eu estou aqui há trinta anos, e as coisas que passavam na TV, também aconteceram, um pouco aqui, então deu pra acompanhar bem as mudanças e a gente percebe que a mudança na escola acompanha a mudança do*

*bairro, as meninas viam as atrizes de minissaia e queriam também ter uma, dobravam as saias na cintura [...] A gente trabalhava na ajuda da criação [aconselhamento] da família de todos, mas, a TV, não deixava a gente continuar e aí, foi diminuindo as visitas das famílias e hoje tudo acabou, essas famílias [...] todas já abandonaram aqui. No bairro, hoje, a gente só vê as pessoas mais jovens à noite, quando chegam do trabalho, só veem para assistir TV e dormir (Dona Olívia, 2012).*

Para Dona Maria, um dos fatores que ajudou a aumentar os problemas locais foi a própria transformação das cidades e do próprio bairro:

*[...] tem muitas facilidades hoje e as cidades grandes, todos querem um dia está lá, não sei para que, olhe: as pessoas que estão aqui já não têm nenhum tipo de ligação de carinho com o bairro, então se isso não existe não cuida, não tem interesse. [...] podem está hoje aqui, amanhã estão em outro bairro. Essa mudança foi difícil para nós mais antigos [...] muitos moradores com gosto diferente, tipo: colocam som alto, ninguém fala ou respeita os mais velhos, no nosso tempo pedíamos a benção a todos os velhos [...], tem gente aqui que não me conhece [...] isso é triste! (Dona Maria, 2012).*

Já Dona Nega traz a história do bairro e das festividades juninas com saudosismo e as aventuras de como ela e marido conseguiram estudar:

*Antigamente era só sítio, as pessoas ficavam na porta [...], a gente dançava, a gente fazia festa junina, as nossas mães faziam canjica, bolo [...] e aí, colocava tudo na porta, a vizinhança também ajudava...! Mudou tudo! Os antigos estão esquecidos, aqui os antigos ficam nos fundos da casa [...] Agora os que são respeitados não ficam no fundo [...] Eu fico no primeiro quarto e todos vêm a mim para conversar [...]. Meu pai tinha um irmão, de criação, que era padre e aí como ele [o padre] sabia muito e sempre estava aqui em casa ensinava a gente lê a bíblia e escrever versos antigos [...] foi muito bom estudar com o padre aprendi muito! [...] Já meu marido sofreu muito, o pai dele dava serviço o dia todo só para o coitado não estudar. Não era uma maldade?! Mas, a mãe dele, danada, já sabia lê (não sei com quem ela aprendeu!) ensinava a ele de noitinha quando todo mundo dormia! Ele não gostava muito, mesmo assim a danada era caprichosa, dava mais doce quando ele ia de bom grado à varanda com o caderno! Era tudo escondido, até que um dia ele já sabia lê e aí a velha ficou tão feliz que passou male o velho [pai] descobriu que ele já sabia lê deu uma pisa [surra] nele e nela, mesmo doente ela dizia: agora é tarde ele vai ser doutor! Logo, logo ela morreu...! E não é que ele virou doutor mesmo! O danado continuou estudando mesmo o pai colocando para trabalhar e uma tia [irmã da mãe] levou ele para a Bahia e ele se formou em Engenheiro de plantas [engenheiro florestal] ficou na Bahia trabalhando e sempre vinha visitar o pai e os irmãos e nesse vai e vem nos conhecemos e fugi com ele, voltando grávida ele comprou essa casa que moro até hoje, colocou tudo do bom e do melhor, estava tentando mudar de emprego de lá para cá! Meu tio [o padre], que gostava muito de mim, ajudou nosso casamento para eu não ficar falada. Tudo estava dando certo para eu ter a vida dos sonhos, até que uma coisa horrível aconteceu, nessas idas e vindas ele sofreu um acidente e ficou*



*surdo e o trabalho deixou ele na mão! Não recebeu mais nada e com o estudo dele ficamos com o sítio e sempre ele vendia frutas [...] (Dona Nega, 2012).*

Para melhor compreensão, rever a Fotografia 5, já mencionada no item anterior, do sítio do casal.

Quadro 7 – Categoria de Análise: Educação (Transformações nacionais tendo interferência na educação local)

Transcrição da narrativa	Palavras-chave
<p><i>[...] deu pra acompanhar bem as mudanças e a gente percebe que a mudança na escola acompanha a mudança do bairro, as meninas viam as atrizes de minissaia e queriam também ter uma, dobravam as saias na cintura [...] No bairro, hoje, a gente só vê as pessoas mais jovens à noite, quando chegam do trabalho, só veem para assistir TV e dormir (Dona Olívia, 2012).</i></p> <p><i>[...] as cidades grandes, todos querem um dia está lá [...] as pessoas que estão aqui já não têm nenhum tipo de ligação [...] com o bairro, então se isso não existe não cuida, não tem interesse. [...] podem esta hoje aqui amanhã estão em outro bairro. Essa mudança foi difícil para nós mais antigos [...] no nosso tempo pedíamos a benção a todos os velhos [...], tem gente aqui que não me conhece [...] isso é triste! (Dona Maria, 2012).</i></p> <p><i>[...] Mudou tudo! Os antigos estão esquecidos, aqui os antigos ficam nos fundos da casa [...] (Dona Nega, 2012).</i></p>	<p>Transformações nacionais e transformação local</p>

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

O bairro é um espaço em que diversas realidades precisam conviver e encontrar maneiras de melhor realizar este viver, embora inserido em um contexto social muito contraditório e cheio de desigualdades.

Uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa. E ela será tanto mais válida se o observador não fizer excursões saltuárias na situação do observado, mas participar de sua vida. A expressão “observador participante” pode dar origem a interpretações apressadas. Não basta a simpatia (sentimento fácil) pelo objeto de pesquisa, é preciso que nasça uma compreensão sedimentada no trabalho comum, na convivência, nas condições de vida muito semelhantes (BOSI, 2004, p. 38).

Neste sentido, a realização das entrevistas, além de discutirem aspectos a respeito da Concepção de Educação, nos permitiu compreender e dar voz às narrativas destas “conselheiras da vida”. Esta experiência nos trouxe a percepção do quanto suas histórias pessoais influenciam nosso fazer diário, quão relevantes são nossas relações e o quanto crescemos observando o outro e nós mesmos. Para algumas, a rememoração de eventos nem sempre era confortável, choro e silêncio eram presentes em todas, algumas mais acentuadas e outras não, as memórias contrapostas ao discurso eram confrontadas com a realidade:

*[...] fui reprovada logo, logo que entrei na escola, e aí minha mãe disse que não era para eu ir mais para lá. Pois bem, não fui e até hoje fico na porta da escola que meus filhos estudaram e agora é minha neta [...] Entrei no estudo dos idosos [alfabetização para adulto], para saber lê o nome dos ônibus, escrever o meu nome e outras coisinhas [...] Minha mãe achava que eu não era boa para o estudo [...] e depois de tantos anos, vejo crianças que tem que estudar a lição com outra professora [refere-se ao reforço escolar] para não perder o ano. Minha mãe não podia fazer isso comigo? (Dona Helena, 2012).*

Quadro 8 – Categoria de Análise: Educação (Recordação da infância e alfabetização de adultos)

Transcrição da narrativa	Palavras-chave
<p><i>[...] fui reprovada [...] logo que entrei na escola [...] Entrei no estudo dos idosos [...] para saber lê [...] e depois de tantos anos, vejo crianças que tem que estudar a lição com outra professora [...] Minha mãe não podia fazer isso comigo? (Dona Helena, 2012).</i></p> <p><i>[...] Pra mim é a mais importante. Foi a professora que tirou [...] já sei escrever qualquer nome, bem verdade que é devagar! (Dona Helena, 2012).</i></p>	<p>Recordação da infância e alfabetização de adultos</p>

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

Para tanto, sugerimos retornar à Fotografia 4, para lembrarmos o potencial que a mesma exerceu em Dona Helena, sendo considerada a “*mais importante*” das suas fotografias.

Conforme se pode observar, lembrar eventos acontecidos num passado já quase distante evoca sentimentos nem sempre agradáveis. O tempo sem estudo e a desaprovação da

mãe constituem elementos que marcaram Dona Helena, porém exibe com satisfação o registro palpável de comprovação do que narra.

Podemos perceber a satisfação de outras idosas entrevistadas, nas suas narrações de atividades conclusivas, que também tiveram registro de comprovação, no caso aqui estamos falando de Dona Helena, no encerramento do cursinho em 1983 (Fotografia 3), e Dona Maria José, na conclusão do curso de corte e costura (Fotografia 10).

Para Pollak (1989) as memórias, histórias e relatos de vida implicam reinterpretações e ressignificações, estando ligadas ao redimensionamento das próprias identidades das pessoas, a memória se dá a partir da posição ou lugar ocupado no campo e é constituída pelo dito e pelos esquecimentos e silêncios. Até o “não dito” torna-se importante nesta abordagem, uma vez que cria memórias subterrâneas que necessitam de um trabalho de organização para superar a montagem ideológica a qual estamos todos submetidos.

Retomando Pollak (1989), compreendemos que ao se lidar com a memória, deve-se levar em consideração que o indivíduo faz recortes dos momentos vividos, buscando dar uma lógica e uma coerência àquilo que fala. Por conta disso, é necessário ficar atento ao que é dito, pois o discurso nem sempre pode corresponder ao que realmente ocorreu.

Observemos agora o que algumas entrevistadas pensam da escola que as “formou” do que “*não existe mais*”:

*[...] construíram um galpão de madeira e nesse galpão é que eu aprendi as primeiras letras, ele apenas tinha duas salas, lembro bem direitinho: tinha uma entrada que já era a diretoria e depois a sala de aula, eu estudei naquela sala por quatro anos [...] veja: aprendi num galpão [risos!], era uma escola limpinha, simples e a gente aprendia muito! Hoje, não existe mais isso! (Dona Maria, 2012).*

*[...] pra mim todos os professores foram maravilhosos, a escola era boa, todo mundo estudava, acho que não existe mais uma escola como a minha [...] a professora que ensinava nunca vou esquecer o nome dela, era muito engraçado: Boaventura [risos!] e isso é nome de gente! [risos!], mas, era boa moça [...] os meninos ficavam quietos na sala, só que quando ela dava as costas era aquela bagunça e a coitada era apelidada de bolo do vento, ela nem desconfiava e a danada nos formou [...] (Dona Nega, 2012).*

Quadro 9 – Categoria de Análise: Educação (Educação de outrora e de hoje)

Transcrição da narrativa	Palavras-chave
<p>[...] <i>aprendi num galpão [risos!], era uma escola limpinha, simples e a gente aprendia muito! Hoje, não existe mais isso!</i> (Dona Maria, 2012).</p> <p>[...] <i>a escola era boa, todo mundo estudava, acho que não existe mais uma escola como a minha [...] os meninos ficavam quietos na sala [...] e a danada nos formou [...]</i> (Dona Nega, 2012).</p>	<p>Formação, inexistência dessa formação hoje.</p>

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

A atenção dada às entrevistadas, às suas falas, seus esquecimentos e seus silêncios, nos ajudou na verificação de que o passado, como possibilidade de compreender suas atuações cotidianas, não pode ser desprezado na perspectiva dos estudos que, como este, utiliza a narrativa para compor análises do campo educacional. Como se verifica nas falas das entrevistadas há existência de certo saudosismo do que “não existe mais”, e em suas memórias tudo que existia era quase que o ideal.

Por estes exemplos, é possível perceber que a representação da escola inicial das entrevistadas era a de uma escola que ocupa em suas mentes um lugar de boas recordações. Nota-se, na narrativa de Dona Nega, a descrição de uma escola enquanto um lugar “limpinho”. Pode-se agregar, a esse “limpinho”, valores além da própria situação de higiene, subtendendo sua afetividade pela escola, como pura, boa.

Esta recordação de Dona Nega pode levar a considerar o que Pollak (1989) diz quanto aos recortes que fazemos de nossas lembranças. Talvez a ideia de limpeza nem fosse relevante no momento vivido, porém, com o passar do tempo, torna-se um destaque, considerando um lugar ideal, que não é mais possível de ser alcançado.

Dona Olívia vê a educação ‘punitiva’ como algo necessário para o desenvolvimento de todos. Quando se refere à educação de hoje, ela, como também em outro trecho, nos faz uma indagação intrigante e narra uma das suas afirmativas, como se quisesse dar um “conselho”:

*[...] foi interessante, os professores eram mais rígidos, eram pessoas que tinham educação, a gente até imitava alguns, eu queria ser igual a eles [...] eles eram diferentes, alguns vinham do centro da cidade [...] era uma época boa, a escola podia melhorar a nossa vida, era assim que eu via, eu brincava muito e quando brigava com os colegas minha mãe autorizava a professora a mim bater, caso eu não obedecesse [risos!] e ela batia, batia muito em todos nós. Hoje ninguém pode encostar a mão nos meninos ousados, que não obedecem aos professores, eles não querem nada, não*

*respeitam ninguém, tá vendo, que as coisas de antigamente não existem mais?[...] No meu tempo, professor era segundo pai e professora segunda mãe, eram respeitados! (Dona Olívia, 2012).*

*[...] mim diga qual é o professor, nos dias de hoje, que realmente consegue colocar ensinamento na cabeça desses meninos? Não respeitam pai e mãe, que dirá o professor! Vou dizer uma coisa: castigo é ruim no momento, mas depois você cresce com ele, e tenho certeza que não erra mais! [...] A gente aprende mais do que aquele que acha que sabe! Entendeu? (Dona Olívia, 2012).*

Do mesmo modo, para Dona Nega, a educação estava significativamente marcada por punições severas como recurso educativo, o que era uma postura aceita por ela:

*Ah não esqueço a danada da professora tinha uma palmatória... era assim que funcionava: Toda sexta-feira, todo mundo ficava sentadinho na primeira fila da sala de aula e a professora tomava a tabuada, ela já sabia quem ia errar, e parecia que gostava de ver um batendo no outro, por que quem errava esperava o que acertava e tome palmatória nele! E olhe a vergonha, os outros ficavam mangando [risos] [...]. Não tinha nada de errado nisso, os pais apoiavam e a gente respeitava os professores. Hoje os meninos mangam é dos professores, estão aí para ensinar e os meninos sem educação não querem nada, não agradecem. Tá vendo só!(Dona Nega, 2012).*

Quadro 10 – Categoria de Análise: Educação (Educação punitiva e postura do professor)

Transcrição da narrativa	Palavras-chave
<p><i>[...] os professores eram mais rígidos [...] a gente até imitava alguns, eu queria ser igual a eles [...] a escola podia melhorar a nossa vida, era assim que eu via [...] minha mãe autorizava a professora a mim bater, caso eu não obedecesse [...] Hoje ninguém pode encostar a mão nos meninos ousados [...] as coisas de antigamente não existem mais? [...] No meu tempo, professor [...] e professora [...] eram respeitados! (Dona Olívia, 2012).</i></p> <p><i>[...] qual é o professor, nos dias de hoje, que realmente consegue colocar ensinamento na cabeça desses meninos? [...] castigo é ruim no momento, mas depois você cresce com ele, e tenho certeza que não erra mais! [...] (Dona Olívia, 2012).</i></p> <p><i>[...] Ah não esqueço a danada da professora tinha uma palmatória [...] tomava a tabuada, ela já sabia quem ia errar, e parecia que gostava de ver um batendo no outro, por que quem errava esperava o que acertava e tome palmatória nele!</i></p>	<p>Postura rígida do professor e papel punitivo da educação.</p>

[...]. Não tinha nada de errado nisso, os pais apoiavam [...]. Hoje os meninos mangam é dos professores [...] (Dona Nega, 2012).	
--	--

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

Percebe-se nas narrativas das entrevistadas a concordância com uma educação formal punitiva, visualizando a educação como disciplinadora com práticas autoritárias. Em outras palavras, as idosas acima, acreditam em instituições escolares que tenham permanentes coerções e controles.

Outro recorte das narrativas refere-se à relação com a escola, o acesso à educação e a participação da liderança religiosa na comunidade. A experiência da escola do bairro é retratada por Dona Olívia, como desafio para os educadores, tendo como protagonista o padre da localidade:

*No meu tempo a coisa não era fácil, não tinha escola em todo lugar. Aqui mesmo quando chovia ninguém nem descia nem subia a ladeira [risos!], como ir a escola? E sim, me deixe falar, mais uma coisinha: era escuro, minha filha, um breu [risos!], algumas professoras desistiam de continuar ensinando aqui! [risos] Só o padre não desistiu de nós! Você acredita?! Também ele (padre) era bom demais, quase um santo, ensinava todo mundo a rezar (Dona Olívia, 2012).*

Assim como Dona Olívia, outras idosas tinham o padre como um educador e líder da comunidade:

*[...] o padre Antony era também um estudioso e conhecia pelo menos uma pessoa de cada casa, ele fazia reuniões e ensinava todo mundo a rezar e lê a bíblia [...] Olhe a esperteza dele: todo mundo que ia à igreja ganhava lanche e tinha que ensinar aos que ficaram em casa. E sabe por ele fazia isso? Por que no dia da procissão de São Joaquim [Santo que representa o bairro Palestina], que ia se encontrar com Santa Ana [Santa que representa outro bairro vizinho], era uns fazendo penitência, como ir de joelhos, outros colocavam as crianças vestidas de anjinhos [...] e ele chegava junto! Ficava bem pertinho da gente e ouvia um a um rezar o terço e era uma procissão bonita, ele ria a toa! O padre da outra paróquia ficava surpreso, e perguntava como era que o padre Antony conseguia. E ele respondia, bem alto para a gente ouvir: É a fé, frei José, é a fé da minha gente! Tá! O povo cantava mais alto, muitas coisas bonitas [risos!] (Dona Maria, 2012).*



*cumprido [risos!]. Mas, digo uma coisa: Não eram felizes! Ficou pra trás! Mesmo assim, não me acostumo com tanto desrespeito, as meninas andam quase nuas, chegam à casa muito tarde, não cuidam da casa, não obedecem ninguém! E isso é mudança boa? Não, não é!* (Dona Maria, 2012).

Por meio desta narrativa, nota-se o quanto Dona Maria acredita e valoriza sua história e aponta as ‘mudanças’ ocorridas no percurso dos acontecimentos como ‘desrespeito’ aos valores transmitidos como função da mulher. Porém, em outra narrativa, Dona Maria valoriza a contribuição do padre da comunidade para a mudança de valores culturais, referindo-se à justificação da não inserção da mulher ao conhecimento formal:

*[...] essa história de que a mulher só estudava para escrever cartas os namorados, foi derrubada pelo padre Antony, ele querendo que a gente fizesse bonito na procissão, não tava nem aí com esse negócio [...], queria que todos estudassem! Devagar, ele conseguiu que a bíblia fosse estudada por todos, e a mulher da casa tinha que ter um tempinho para estudar e lê a bíblia em família. Pode perguntar a qualquer um do ‘meu tempo’, quem é que não sabe lê, a leitura pode ser pouca, mas, todos têm um pouco! E ele pedia obediência do homem à sua mulher [risos!]. Às vezes, acho que ele era doido [risos!]* (Dona Maria, 2012).

Quadro 12 – Categoria de Análise: Educação (Gênero e a importância da liderança local)

Transcrição da narrativa	Palavras-chave
<p><i>[...] Antigamente as moças aprendiam a cuidar da casa, do marido e dos filhos [...] Não eram felizes! [...] Mesmo assim, não me acostumo com tanto desrespeito, as meninas andam quase nuas, chegam à casa muito tarde, não cuidam da casa, não obedecem ninguém! E isso é mudança boa? Não, não é!</i> (Dona Maria, 2012).</p> <p><i>[...] essa história de que a mulher só estudava para escrever cartas os namorados, foi derrubada pelo padre Antony [...], queria que todos estudassem! Devagar, ele conseguiu que a bíblia fosse estudada por todos, e a mulher da casa tinha que ter um tempinho para estudar e lê a bíblia em família. [...] ele pedia obediência do homem à sua mulher [...]</i> (Dona Maria, 2012).</p>	<p>Contradições de concepções da educação para o gênero</p>

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

Percebe-se que as instituições tem como consequências o controle e o disciplinamento. A Igreja sempre se apropriou eficientemente disso, porém, para Dona Maria, o padre



aparentemente tinha outras prioridades, constituindo um saber, no qual o seu objetivo era potencializar a inserção do Catolicismo nas famílias.

Na função de conselheira, Dona Nega, na sua narrativa, entrelaça a de rezadeira:

*[...] Já rezei muita gente! E o povo ficava bom da doença! Era feito uma fila [...], era bonito de ver. Eu ficava toda cheia e fazia uma cara de raiva e dava conselho ao povo, e era atendida [...]. Não precisa a pessoa estar presente eu rezo e ela fica boa! Há só tem uma coisa não posso aceitar nada, por que se aceitar perco toda força da reza!* (Dona Nega, 2012).

Quadro 13 – Categoria de Análise: Educação (Conselheira ligada à função de rezadeira)

Transcrição da narrativa	Palavras-chave
<i>[...] Já rezei [...] Eu ficava toda cheia e fazia uma cara de raiva e dava conselho ao povo, e era atendida [...] Não precisa a pessoa estar presente eu rezo e ela fica boa! [...] (Dona Nega, 2012).</i>	Conselheira e rezadeira

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

Nesse instante, Dona Nega abre em um dos cômodos da casa e nos convida a adentrar, mostrando todas as imagens de santos presentes, fazendo reverência a algumas e com o olhar nos convoca a realizar o mesmo, puxa uma cadeira gesticulando para que sentássemos, olha para o espelho, pede silêncio e começa a rezar e dançar, “aconselhando” a não deixar de fazer caridade e tomar banho de ervas [...], abre os olhos perguntando se estávamos bem e finaliza: “*Era assim que eu fazia, era muita gente, ficavam até a noitinha [...]*”. Mesmo sendo conhecidas como “conselheiras da vida”, as idosas não ficavam à vontade em discorrer sobre o assunto. Dona Nega foi a exceção, sempre tinha algo a nos aconselhar antes da sua narrativa, como podemos verificar neste trecho: “[...] *O sorriso deve ser discreto e elegante, em gargalhadas só em casa! [...] Continue assim!*” Outro: “*cabelo de mulher é o cartão postal, tem que ficar bonito [...] cuide do seu!*” (Dona Nega, 2012).

Nas narrativas não houve linearidade, pois essas foram narradas num vai-e-vem contínuo de episódios e se transformavam ao longo de cada encontro com a pesquisadora. Diante desta constatação, pudemos perceber a recorrência de alguns temas, dentre eles a comparação do ontem com o hoje e a retomada da infância. De acordo com as análises realizadas verificamos que as idosas retomam esses temas em suas falas, como pode ser verificado nos quadros 5, 6, 7, 8, 9, 10.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desafio de compreender as concepções de Educação de um grupo de mulheres idosas, com idades entre 68 e 102 anos, conhecidas como “conselheiras da vida”, realizamos entrevistas narrativas com as mesmas, em quatro encontros: no primeiro, explicamos o decorrer dos encontros e ouvimos pinceladas de algumas histórias; no segundo, realizamos a entrevista com auxílio de fotografias do acervo pessoal de cada entrevistada; no terceiro, retomamos o que não ficou entendido; e, por fim, já com gravador desligado, ouvimos as suas considerações no último encontro.

As mulheres entrevistadas se posicionaram e são posicionadas, pela comunidade do bairro Palestina, como “conselheiras da vida”, e moram há mais de 30 anos nele, construindo significado para si. Segundo as mesmas, estão sendo esquecidas pela nova geração de moradores do bairro, *‘quase que não tem procura da vizinhança [...]’*. Em todo momento do trabalho, nos posicionamos que a narrativa é a construção de conhecimento. E para nós, restou a desafiadora tarefa de narrar a história da própria pesquisa.

Presumimos que em cada momento das entrevistas íamos percebendo que estava a contento com o pensar de Bauer (2007), no que se refere ao método da narrativa, pois, de uma etapa para outra, as entrevistadas dessa pesquisa constituíram-se numa forma simultaneamente rica, exaustiva e difícil de investigação. Rica em termos de experiência das vivências das entrevistadas, que eram transportadas para nós, pelas interações que se estabeleceram entre todas as pessoas envolvidas; exaustiva pelo necessário aprofundamento, pela riqueza dos dados coletados; e difícil porque foi julgado era o coerente. Assim, foi valorizando a oralidade das idosas, o seu saber e a sua história que coletamos as narrativas que fazem parte dessa pesquisa. Ao tempo em que as entrevistadas mostravam e comentavam sobre o seu passado, em posse das fotografias, ficamos como espectadores de uma nova narrativa, como um novo capítulo com o que viria depois.

A demarcação da história permanece enquanto acontecimento lembrado, e o grau de interação que envolve os eventos é que depende da força desta evocação da nossa memorização. Para Benjamin (1994), temos a tendência de remodelar as experiências que carregadas de sentidos são úteis para o presente. Com as entrevistadas percebemos que, nas suas lembranças, aconteciam as ‘modificações convenientes’ para o que elas consideravam ‘necessárias a ser narradas’, casos como: *“Deixe eu explicar [...], tem coisas que é melhor entrar com outra coisa [...]”* (Dona Nega, 2012); *“[...] Se eu contar tin tin por tin, ninguém vai entender [...] então alguma parte é melhor jogar fora!”* (Dona Maria, 2012). Assim, nos

empenhamos em dar explicações sobre determinados acontecimentos, integrando-nos no esquema de sentido que norteia a nossa vida.

As idosas aqui entrevistadas, segundo Bosi (1994), demonstraram alimentar-se do passado. As suas trajetórias são, portanto, as suas memórias construídas pelas representações de papéis sociais, no caso, “conselheiras da vida”. Cada idosa narra a sua vida de forma particular, mesmo assim, foi possível verificar a existência de aspectos comuns entre elas, dado que cada uma foi influenciada de diversas formas, inclusive pelo ambiente em que estiveram inseridas ao longo de pelo menos trinta anos de existência na mesma localidade.

Ao utilizarmos a ideia de “concepção” de algum conhecimento, supomos que estamos abertos aos estímulos que constituem a vivência do tempo, naquilo que ele tem de mais precioso, o fluxo da existência, fazendo do *seu tempo*, sua vida. Bergson (1990) elucida que o tempo vivenciado é a representação de algo que flui sem parar e que nos escapa continuamente, e assim, move para demais conhecimentos, pois “o tempo não se deixa apanhar” (BERGSON, 1990, p. 60).

Que espécie de dado a concepção de Educação de mulheres idosas (consideradas como “conselheiras da vida”), residentes há muito tempo na mesma localidade, pode fornecer ao campo da Educação? Que relações poderiam ser estabelecidas entre as suas experiências e suas narrativas com a Educação? Pelo movimento que elas fazem em operar o conhecimento nos que a escutam, e em si mesmas, como também pelo desdobramento singular de terem a capacidade em socializar e humanizar seus conhecimentos, que segundo Benjamin (1994), compete à narração a transmissão da experiência que lhe perfaz, ou seja, a sabedoria. Compreendemos que se faz necessário redimensionar o alcance desses conhecimentos para o campo da Educação. Ainda segundo Benjamin (1994), nos tempos considerados modernos, a Educação reflete as mesmas ilusões e crenças na ideia de um progresso contínuo, explicado pelo cientificismo, que não conecta o significado ao significante que lhe seria correspondente. Essa tão narrada Educação incorre na confusão entre conhecimento e sabedoria, informação e formação.

É possível que o des-conhecimento forneça caminhos para a sabedoria, para a experiência? Para a construção de um saber próprio se faz necessário compreender que a experiência engloba, segundo Benjamin (1987), conteúdos que estão para além do racional, conteúdos que desembocam nos sistemas de crença, nas formas não-verbais de viver e estar no mundo. Bondía (2002, p. 25) afirma que a experiência é um lugar em que nos chegamos às coisas, “um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar”, ou seja, o indivíduo da experiência não é aquele que, possivelmente, faz, mas aquele que realiza, poetiza. Sendo

assim, Benjamin (1994) traz que a experiência não se contrapõe, ao colocar o indivíduo diante das ações, frente ao mundo e à própria história. Ela, a experiência, sinaliza como ponte, que neste colocar-se diante de si e do mundo, somos acometidos. Por fim, não seria a experiência, tal qual a formulou Benjamin (1994), um instrumento para repensar a Educação, seja na relação com os saberes, como na relação das ações, como também na relação com a instituição?

Em todos os momentos, estando nas entrevistas narrativas diante do acervo fotográfico de cada entrevistada, notamos o quanto as narrativas foram potencializadas pelas fotografias, possibilitando que emergissem muitas emoções no relato da história, entrelaçando fatos históricos e história pessoal.

Cabe relatar também que a busca das fotografias pelas idosas foi um acontecimento no bairro. Por exemplo, quem não sabia onde estava “*aquela foto*”, foi ao seu encontro, pedindo auxílio à vizinhança, ao ponto de uma das entrevistadas, Dona Maria José, ir a outro município buscar a ‘única fotografia de família’.

Diante dos objetivos deste trabalho e de posse dos instrumentais já citados, fizemos um estudo sistematizado que nos possibilitou identificar, após a análise dos dados distribuídos em 13 quadros, a concepção de Educação para um grupo de mulheres idosas.

Tendo diante de nós os 13 quadros que construímos a partir de trechos das narrativas das idosas entrevistadas, um dos principais ‘achados’ da nossa pesquisa foi que as narrativas perpassam pela visão do acúmulo do conhecimento formal em detrimento da experiência informal. Esta concepção nota-se em todos os quatro encontros realizados.

Isso pode ser verificado, pois, mesmo as idosas sendo conhecidas, no bairro Palestina, como “conselheiras da vida”, foi evidente em seus discursos a crença de que o conhecimento formal é requisito fundamental para o transmitir das experiências, desqualificando assim, de certa forma, o valor adquirido com suas experiências. Para elas, o conhecimento formal é o conhecimento legítimo e esse é adquirido por meio do processo de escolarização.

Outro ‘achado’ é que mesmo sendo intituladas como “conselheiras” pelos demais moradores, essas não ficaram à vontade para comentar sobre o assunto. Apenas Dona Nega demonstrava facilidade em narrar sobre a sua denominação. Neste sentido, é possível um contraponto a este assunto no documentário Santiago (2007), quando o protagonista Santiago (que não tinha diploma) reconhece que ‘conversava’ com a realeza e ‘entendia’ todas as línguas. Vejamos o que ele nos narra: “[...] apesar de tantas línguas, de tantos idiomas distintos, eu converso com eles e eles me entendem [...]” (SANTIAGO, 2007). As idosas, com as suas experiências de vida, ‘conversam e entendem’ cada pessoa que as procura, porém, não

reconhecem que este tipo de conhecimento (advindo da experiência) possa ter a mesma relevância que o conhecimento formal.

Outro achado foi compreender que a construção da concepção de Educação das idosas perpassa também pela educação formal e punitiva, onde o papel do professor é de repressor e a família deve apoiar esta atitude. Já a relação com a religião é de obediência, porém essa deve fazer ações que demonstrem a sua função de liderança, foi assim que elas vivenciaram e ainda acreditam ser o correto.

Esperamos que com este trabalho, o campo de estudos na área da Educação seja ampliado no sentido de possibilitar o surgimento e consolidação de pesquisas que utilizam as narrativas e as imagens como fonte de construção do conhecimento. O uso das imagens, sem dúvida, potencializou nesta dissertação uma melhor compreensão do vasto universo de significados presente nas falas das entrevistadas. Sendo assim, acreditamos que a fotografia pode mediar o processo de rememoração, uma vez que sua presença traz novos e importantes elementos às experiências narradas.

## REFERÊNCIAS

- ABANS, Max Faúndez. **O Tempo**: memórias. IN: ROSSI, Vera Lúcia Sabongi; ZAMBONI, Ernesta (Org.) Quanto Tempo o Tempo Tem! Campinas, SP: Ed. Alínea, 2003.
- ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e sons**: a nova cultura oral. São Paulo: Cortez, 1994.
- ALMEIDA, R. de C. **A memória dos idosos como instrumento de avaliação dos impactos de urbanização sobre os recursos hídricos**. In: \_\_\_\_\_. FELICIDADE, N.; MARTINS, R. C.; A. (Org.) Uso e gestão dos recursos hídricos no Brasil: velhos e novos desafios para a cidadania. São Carlos: RiMA, 2004, p. 39-53.
- ALVES, Rubem. **Palavras para desatar nós**. Campinas, SP :Papirus, 2011.
- AMORIM, Marília. **Cronotopo e exotopia**. In: B. Brait (Org.). Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.
- AUMONT, Jacques. **A imagem**. Tradução Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. Campinas, São Paulo: Papirus, 1993.
- BALL, Michael; SMITH, Gregory. **Analyzing visual data**: qualitative research methods. Newbury Park: CA: Sage, 1992.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**: notas sobre a fotografia. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- \_\_\_\_\_. A mensagem fotográfica (1961). In: \_\_\_\_\_. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (ED.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutividade técnica. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras Escolhidas v. 2).
- \_\_\_\_\_. **A Tarefa do tradutor**. Tradução de Fernando Camacho. Humboldt, Munique, F. Bruckmann, n.40, p.38-45, 1979.
- \_\_\_\_\_. Experiência e pobreza. In: \_\_\_\_\_. (Ed). **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. Trad. Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 114-119.
- \_\_\_\_\_. O ensino da moral. In: \_\_\_\_\_. **Reflexão sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari. 34. ed. São Paulo: Duas cidades, 2002.
- \_\_\_\_\_. O Narrador. In: \_\_\_\_\_. **Obras escolhidas I**: magia e técnica, arte e política. 10. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERG, H.A. A Memória e a Imaginação. In: XAVIER (Org.). **A experiência do cinema**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal: Embrafilmes, 2008.
- BERGER, John. **Modos de Ver**. Ed. Rocco. Rio de Janeiro: 1999.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BESNIER, Jean-Michel. **A memória é o futuro do homem**. Café Philo: as grandes indagações da filosofia. Edição especial do Lê Nouvel Observateur. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p. 55-59.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, traduzida e publicada, em julho de 2002, por *Leituras SME*; Textos-subsídios ao trabalho pedagógico das unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas/FUMEC. Publicado na Revista Brasileira de Educação.

BORGES, Fabrícia Teixeira. **Tem tantos jeitos de ver!** Os significados do Olhar nas perspectivas de quatro mulheres de Goiânia. 2006. 235f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

BORGES, Fabrícia Teixeira; LINHARES, Ronaldo Nunes. **Imagem e narrativa**: a construção dialógica da fotografia na pesquisa qualitativa em ciências humanas. Revista Educação em Questão, Natal, v.33, n.19, p. 128-149, set/dez 2008.

BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004, v. 1, 150 p.

BOTH, Agostinho. **Freire e Fiori**: para um diálogo intergeracional. Coletâneas PPGDU, UFRGS, v. 2, n. 5, 1996.

CAIXETA, Juliana Eugênia. **Identidade feminina** – um conceito complexo. Revista Paidéia, Universidade de Brasília, 2004, 14 (28), p. 211-220.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CIAVATTA, M.; ALVES, N. **A leitura de imagens na pesquisa social**: História, Comunicação e Educação. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

DUBOIS, Philippe. A fotografia panorâmica ou quando a imagem fixa faz sua encenação. In: SAMAIN, Etienne (Org.). **O fotográfico**. 3. ed. rev. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, p. 201-222, 2005.

ERRANTE, Antoinette. **Mas afinal, a memória é de quem?** Histórias orais e modos de lembrar e contar. Revista: História da Educação. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas (8): 141-174, set. 2000.

JOUCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 90-113.

- KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: SAMAIN, Etienne (Org.). **O fotográfico**. 3. ed. rev. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, p. 39-45, 2005.
- LAGES, Susana Kampff. **Walter Benjamin**: tradução e melancolia. São Paulo: EDUSP, 2002.
- LAPOUJADE, David. **Potencias del tiempo**: versiones de Bergson. 1ª Ed. Buenos Aires: Cactus, 2011.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Retratos de família: imagem paradigmática no passado e no presente. In: SAMAIN, Etienne (Org.). **O fotográfico**. 3. ed. rev. São Paulo: Editora SENAC São Paulo p. 33-38, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Retratos de família**: leitura da fotografia histórica. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- LOURENÇO, Regina Célia Celebrone; MASSI, Giselle. **Linguagem e velhice**: considerações acerca do papel da escrita no processo de envelhecimento. Curitiba: Juruá, 2011.
- MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**: uma história de amor e ódio. Tradução Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MANINI, Miriam. Imagem, imagem, imagem...: o fotográfico no fotoromance. In: SAMAIN, Etienne (Org.). **O fotográfico**. 3. ed. rev. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, p. 235-250, 2005.
- MORRO DA CONCEIÇÃO. Direção: Cristiana Grumbach. Estúdio/Distrib.: Crisis Produtivas. Rio de Janeiro, 2005, 85 min.
- NEIVA-SILVA, L; KOLLER, S. H. **O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia**. Estudos de Psicologia, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 237-250, jul-dez 2002.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Prog. História, São Paulo: PUC-SP, (10): 7-29, 1993.
- NUNES, Clarice. **Memória e História da Educação**: entre práticas e representações. In: Revista Educação em foco. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 7, b. 2, p.11-25, set/2002 a fev./2003.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.
- PESSOA, Fernando. **Poesias Inéditas** (1919-1930). Lisboa: Ática, 1956.
- POHLMANN, Angela Raffin. **Pontos de passagem**: o tempo no processo da criação. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. PPG-EDU/UFRGS, Porto Alegre, 2005.
- POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.



RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**, v. I. Campinas: Papyrus, 1994.

ROSSI, Vera Lúcia Sabongi de; ZAMBONI, Ernesta. (Org.) **Quanto tempo o tempo tem!** Campinas, SP: Editora Alínea, 2003.

SAMAIN, Etienne (Org.). **O fotográfico**. 3. ed. rev. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2005.

SANTIAGO. Direção e Produção: João Moreira Salles. Rio de Janeiro: Videofilmes, 2007. 1 DVD (107 min).

SONTANG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VON SINSON, Olga Rodrigues de Moraes; GÍGLIO, Zula Garcia. A arte de recriar o passado: história oral e velhice bem-sucedida. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Desenvolvimento e envelhecimento**. Campinas: Papyrus, p. 141-160, 2001.

### Fontes Orais

DIONÍSIO, Maria José dos Anjos. (Dona Maria José, 68 anos) **Entrevistas** concedidas em 11, 14 e 15 de junho de 2012 e 8 de julho de 2012 a Marta Batista de Souza, em Aracaju.

JESUS, Olívia Candida de. (Dona Olívia, 94 anos). **Entrevistas** concedidas em 11, 12 e 17 de junho de 2012 e 6 e 7 de julho de 2012 a Marta Batista de Souza, em Aracaju.

SANTOS, Maria Helena dos. (Dona Helena, 73 anos). **Entrevistas** concedidas em 11 e 12 de junho de 2012 e 3 de julho de 2012 a Marta Batista de Souza, em Aracaju.

SILVA, Maria Acidália dos Santos. (Dona Nega, 102 anos). **Entrevistas** concedidas em 11, 16 e 18 de junho de 2012 e 4 e 5 de julho de 2012 a Marta Batista de Souza, em Aracaju.

VIEGAS, Maria. (Dona Maria, 83 anos). **Entrevistas** concedidas em 11 e 13 de junho de 2012 e 6 de julho de 2012 a Marta Batista de Souza, em Aracaju.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – ENTREVISTA

#### I) Identificação:

Nome:

Idade:

Estado Civil: ( ) Casada ( ) Viúva ( ) Solteira ( ) Separada ( ) Divorciada ( ) Outros

Local de nascimento:

Endereço:

Bairro:

Há quanto tempo mora neste bairro?

Com quem vive? OBS: Podendo ser mais de um item: ( ) esposo ( ) filhos ( ) filho (a)

( ) sozinha ( ) outros


É Aposentada? ( ) sim ( ) não

#### II) Questões Norteadoras

- 1- Conte um pouco sobre sua relação com o bairro.
- 2- Por que selecionou essas fotografias?
- 3- Que histórias pode contar a partir das fotografias selecionadas?
- 4- Para você o que significa Educação?
- 5- Existem lembranças relativas à Educação que a marcaram ao longo da sua vida?
- 6- Você gostaria de acrescentar algo?

## ANEXOS

ANEXO A – Formulário para apresentação de projeto de pesquisa ao CEP.

<p><b>Comitê de Ética em Pesquisa</b></p> 	<p><b>FORMULÁRIO PARA APRESENTAÇÃO DE PROJETO DE PESQUISA AO CEP</b></p>	<p>PROTOCOLO PROJETO:</p> <p>A ser preenchido pelo CEP</p> <hr/> <hr/>
---	--	--

<b>1 – AUTOR OU RESPONSÁVEL PELO PROJETO</b>		
<b>NOME:</b> Andrea Cristina Versuti		
<b>INSTITUIÇÃO:</b> Universidade Tiradentes		
<b>CURSO OU UNIDADE ACADÊMICA:</b> Mestrado em Educação		
<b>ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:</b> Rua: Frei Paulo, nº 404-A		
<b>BAIRRO:</b> Suíssa	<b>TELEFONE:</b> (79) 91470560	
<b>CIDADE:</b> Aracaju	<b>UF:</b> SE	<b>CEP:</b> 49052-270
<b>E-MAIL:</b> andrea.versuti@gmail.com		
<b>TITULAÇÃO MÁXIMA:</b> Doutorado		
<b>GRUPOS DE PESQUISA:</b> GEFI- Grupo de Estudo de Filosofia e Imagem		

<b>2 - TÍTULO DO PROJETO</b> (Ver Anexo)				
Educação, fotografia e memória: uma análise das narrativas de mulheres idosas.				
ÁREA DO CONHECIMENTO: Ciências da Educação				
SUBÁREA DO CONHECIMENTO: Educação				
ESPECIALIDADE: Educação				
<b>PALAVRAS-CHAVE:</b> Educação	Fotografias	Narrativas	Mulheres idosas	Memória

<b>4 – RESUMO GERAL DA PROPOSTA -</b>
A proposta central de: <i>Educação, fotografia e memória: uma análise das narrativas de mulheres idosas</i> busca investigar questões vinculadas à falas de mulheres idosas, por meio do aporte teórico das narrativas,. Compreendemos entrevista narrativa, tanto

como fenômeno (o ato de narrar-se), quanto como método de investigação. Participarão deste estudo 05 mulheres idosas, com idade variando entre 65 a 102 anos, moradoras do bairro Palestina, há no mínimo 30 anos, que tenham fotografias de família e que queiram participar da pesquisa. Realizaremos entrevista narrativa, que segundo BAUER (1991), visa reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes. A mesma será realizada em quatro fases que se seguirão após uma exploração do campo. Na primeira fase, pediremos as entrevistadas permissão para gravar a entrevista e explicaremos o procedimento da entrevista narrativa, no qual introduziremos o tópico central da entrevista narrativa. Na segunda fase, a narração será ininterrupta, exploraremos o potencial narrativo das entrevistadas, com auxílio de fotografias selecionadas por elas, absteremos de qualquer comentário, apenas sinais não verbais de escuta, para encorajamento da continuidade da narrativa. Na terceira fase, iniciaremos os questionamentos, onde perguntaremos apenas questões imanentes, empregando somente as palavras das entrevistadas, sem apontar contradições possivelmente narradas. As gravações em áudio serão transcritas (nas fases: 1 2 e 3); A quarta fase, caracteriza, pelo final da entrevista, o gravador estará desligado, iremos empregar questões do tipo “por quê?”. Espera-se que os resultados deste estudo permitirão a compreensão dos conceitos de Educação para um grupo de idosas a partir das suas narrativas construídas por meio de fotografias do acervo pessoal.

## **5 - OBJETIVOS E HIPÓTESES OU PRESSUPOSTOS DO PROJETO (Ver anexo)**

Geral: Conhecer e compreender os conceitos de Educação para um grupo de mulheres idosas, utilizando fotografias dos seus acervos pessoais e suas narrativas.

Específicos:

- Investigar a contribuição da fotografia como recursos que propiciem às participantes, a partir de um processo de memorização, o contato com sua memória.
- Possibilitar às participantes, por meio da memorização, que re-signifiquem o passado;
- Buscar, nas narrativas e fotografias das entrevistadas, a composição de diálogo do conceito da Educação.

#### - JUSTIFICATIVA DO PROJETO

O projeto de pesquisa aqui proposto evidenciará os estudos da compreensão dos conceitos de Educação, para um grupo de mulheres idosas, por meio das narrativas e acervo fotográfico pessoal, enfatizando como o próprio título sugere relatar a narrativa sobre o conceito de educação, configurando-se num percurso do olhar, como também, compondo-se sobre as imagens da memória. Assim essa proposta tem como suporte, o auxílio de fotografias pessoais para as entrevistas narrativas.

Para analisar as narrativas das entrevistadas será necessário responder ao seguinte problema de pesquisa proposto; o conceito de Educação, de um grupo de mulheres idosas. As categorias que serão utilizadas para a análise do conceito de Educação presente nas narrativas serão: descrição; análise temática e interpretação.

Transitaremos pelas narrativas das idosas, buscando visualizar algum vestígio de passado, ou melhor, representações de imaginários e memórias em torno das experiências educacionais. A atenção fixará nos momentos em que os olhares sobre as fotografias desdobram discursos narrados. Ou nos momentos em que as narrativas indicarem outras imagens às quais poderemos nos ater.

Pensando nesse argumento é que se utilizará de referências como: Fotografia: (DUBOIS, 1994), (BARTHES,1980), (SAMAIN, 2004), Memória: (BENJAMIN, 1987), (BOSI, 2004), Narrativa: (GASKELL, 2003) (BAUER,2003) entre outros teóricos

utilizados para fundamentar essa pesquisa.

O trabalho de pesquisa propõe investigar bibliograficamente e narrativamente a contribuição da fotografia como recurso que possibilita a memorização das participantes.

Munidos com o instrumental de teorias que permeiam os estudos sobre memória e fotografia, buscaremos nas imagens, nas páginas do álbum, nas narrativas de que dispusermos, traços para compor diálogos com o conceito de educação, segundo as entrevistadas.

#### 7 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA (

Podemos observar, “como o tempo passado é vivido na rememoração: nem como vazio, nem como homogêneo” (BENJAMIN, 1987, p.232). Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, porque essas operações não são naturais (NORA, 1993). Então, as memórias que temos das nossas reminiscências da infância, da escola em que estudamos, de todas as práticas vividas têm uma validade relativa, histórica, já que são construídas socialmente.

A sociedade determina em boa medida como devemos desempenhar nossas funções e com que categorias vamos pensá-las, o que vale tanto para o indivíduo quanto para a coletividade. Assim, acabamos sendo o que lembramos e se pudéssemos estudar os modos pelos quais nos lembramos, os modos pelos quais ordenamos e estruturamos nossas ideias, os modos como transmitimos nossas memórias descobriríamos que existe uma história dessas maneiras de proceder, apreenderíamos as memórias no movimento da história.

Segundo Certeau (1982), para a memória a escola é vida, caminho intimamente possuído que a história transporta numa tentativa de reconstrução sempre problemática, sempre incompleta. Medida pelas relações sociais que a constituem e pelas interpretações que daí emerge, as memórias são narrativas produtoras de significados

que promovem a fusão interior da intenção com as palavras. O mesmo nos adverte que, a história da educação ancorada sobre a separação de um passado que é seu objeto e um presente que é o lugar da sua prática, não cessa, e de reconhecer o presente no seu objeto e o passado nas suas práticas.

Em observância das relações entre a memória e a história da educação e da escola, a educação pela memória conduz o sujeito simultaneamente para dentro e para fora de si mesmo num processo contínuo de solidariedade no qual a diferença do outro, quando percebida, é afirmada e não desqualificada.

O estudo das narrativas pretende dar conta das maneiras pelas quais as pessoas dão sentido as suas vidas (BROCKMEIER & HERRÉ, 2003). A educação narrativa começa antes mesmo de a criança contar histórias, mas já no fato de ouvi-las.

Ouvir as histórias de vida é reconhecer que aquela pessoa sabe peculiaridades sobre si e sua cultura que interessam à ciência.

Falar de si, de suas experiências pessoais singulares e íntimas em uma esfera coletiva constitui, com efeito, um aspecto essencial da afirmação de si e da demarcação simbólica de uma identidade individual e coletiva (MALUF, 1999,p. 75).

Bruner (1997) reforça esta questão quando reconhece que o relato de vida é recordar o passado, numa perspectiva dialógica, onde a história narrada é sempre a história de alguém contada para alguém.

Com relação à atividade de lembrança, Bruner (1997) e Wertsch (1991) explicam que a narrativa busca informações na memória, da mesma forma que a memória é formada por narrativas.

As narrativas são universais e independem do nível de escolaridade, o que torna a entrevista narrativa interessante para estudos que pretendem compreender como pessoas constroem significados sobre si e seus grupos.

Como um dos critérios de identificação da construção educacional, será a coleção de fotografias pessoais, pensando ser útil uma explanação teórica sobre o tema.

Para Leite (2000), os retratos de família são um tipo específico de documentação fotográfica, pois se tratam de imagens já existentes, onde se analisará um material da

forma de captação de imagem. Nesse sentido, os retratos de família podem ser encontrados organizados por unidades temáticas ou não, agrupadas ou avulsos, identificadas ou não.

Sobre a análise dos retratos de família, assim como Leite (2000), Pereira (2003, p) e Mauad (1996) propõem uma análise histórico-semiótica, onde se tenta fazer o estudo das imagens em si num primeiro momento e, num segundo, complementar o estudo dos retratos de família, a partir do relato oral e/ou escrito sobre tais imagens.

Para a análise do material, Mauad (1996) ressalta a importância de se entender que:

- 1) Os códigos usados por uma determinada sociedade são históricos e culturais;
- 2) A fotografia é resultado da produção de sentido. A fotografia é um meio para se chegar ao que não está aparente num primeiro olhar e
- 3) Entre a imagem e o seu leitor existe uma produção de sentido, porque a imagem fotográfica é uma representação, é uma escolha dentro de possibilidades e, por fim, que a imagem é uma relação entre expressão e conteúdo.

Segundo Borges (2006), as fotografias pessoais possuem uma história referente ao cotidiano de indivíduos conhecidos, e, muitas vezes, envolvidos, elas são também compostas dos significados de suas histórias pessoais e também daqueles mobilizados no próprio momento de execução da fotografia. A foto não é só dos membros da família, mas de um local em que essa família se coloca para tirar a foto, do evento específico e dos significados que impactam cada um e o grupo, a família em sua relação com a sociedade e seus valores.

Portanto, a bibliografia selecionada indica que as imagens fotográficas tem exercido papel significativo no processo de seleção e registro do que deve ser armazenado e que, portanto é coerente para a investigação proposta por este projeto.

## **8 - METODOLOGIA DO PROJETO**

Tendo em vista as especificidades do objeto de estudo: A mulher proporcionadora da educação e nosso enquadramento teórico: Memória, educação e fotografia,



optaremos por uma abordagem qualitativa, uma vez que estamos interessados na produção de sentidos que emergem na interação pesquisador-participantes.

Realizaremos entrevista individual narrativa com 05 mulheres moradoras do bairro Palestina, idade entre 65 a 102 anos, no total de 04 encontros. No primeiro, ouviremos as histórias de vida das entrevistadas, transcorrendo de forma compreensível, não deverá ser interrompida pela pesquisadora-entrevistadora. Somente após a indicação de uma coda<sup>2</sup> narrativa (por exemplo: “Então, era isso: não muito, mas mesmo assim...”), a pesquisadora-entrevistadora começa com as suas perguntas; no segundo, a pesquisadora-entrevistadora iniciará explorando o potencial narrativo, que foram cortados na fase inicial em fragmentos, supondo não tendo importância ou por não estarem familiarizadas com a metodologia da narrativa; no terceiro, ouviremos as histórias de cada fotografia, selecionadas por elas, que reportem a educação, explorando a capacidade de explicação e de abstração das entrevistadas. A partir do segundo encontro as entrevistas serão gravadas.

#### Participantes:

Participarão deste estudo 05 mulheres idosas, com idade variando entre 65 a 102 anos, moradoras do bairro Palestina, pelo menos há 30 anos, que tenham fotografias de família (reportando para a educação) e que queiram participar da pesquisa.

#### Instrumentos e materiais:

Como instrumentos, serão utilizados um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), e o roteiro para entrevista; como materiais, serão utilizados um bloco, caneta, gravadores e fotografias das entrevistadas.

#### Procedimentos:

Procedimentos de construção dos dados: para construção dos dados teremos quatro encontros previamente marcados com cada entrevistada. As entrevistas serão prioritariamente realizadas dentro de suas casas.

No 1º encontro será lido o termo de consentimento para participação em pesquisa, solicitação de permissão pelos familiares das entrevistadas com os objetivos da

---

<sup>2</sup> Coda é o mecanismo funcional que faz com que a perspectiva verbal volte ao momento presente. (BASTOS, 1992).

pesquisa, tendo a necessidade de gravar as falas e de ter acesso às fotografias, e só então será solicitada a assinatura do documento tanto da entrevistada como do pesquisador.

O 2º encontro será destinado a entrevista narrativa, que terá como objetivo ouvir as narrativas, deixando as mesmas a vontade para decorrerem sobre a Educação.

3º encontro, com auxílio de fotografias, ouviremos as histórias de cada fotografia, selecionadas por elas, explorando a capacidade de explicação e de abstração das entrevistadas. Mas se não é possível reviver o acontecimento, pois ele se foi, ao menos se pode conferir o indício *daquilo* ou *de quem*, em algum tempo e lugar, existiu, como possibilita-nos o encontro com a fotografia. Realizaremos questionamentos para obtenção de esclarecimento, sobre o que possivelmente pode ficar sem entendimento. As entrevistadas serão convidadas a acrescentarem o que quiserem com as suas narrativas.

4º encontro, é a fase onde não utilizaremos o gravador, empregaremos questões do tipo “por que?”, podendo acontecer discussões que tragam mais explicações sobre as informações durante a entrevista narrativa formal (gravada) também poderemos avaliar o nível de desconfiança percebido nas entrevistadas, sendo uma informação importante para a interpretação da narração no seu contexto.

Procedimentos de análise: O primeiro passo para a análise formal do texto, consistirá em eliminar inicialmente todas as passagens não narrativas, para, em seguida, ordenar o texto narrativo, colocando a transcrição completa da entrevista; segundo passo realizaremos uma condensação, apontando os temas mais importantes e, no terceiro, selecionaremos palavras-chave. Sendo produtivo pelos seguintes motivos: Em primeiro lugar, porque proporciona que os dados possam ser observados pela frequência com que aparecem nas entrevistas, e segundo é que possivelmente, existirá a necessidade de releitura das entrevistas. No quarto passo, realizaremos o agrupamento e a comparação entre as trajetórias individuais, permitindo a identificação de trajetórias coletivas. Construiremos uma matriz, com os objetivos da pesquisa e as finalidades da pesquisa colocadas como temas no título das colunas e o relato de cada entrevistada.

Diante deste mapa conceitual gerado será possível atingir aos objetivos inicialmente traçados, tendo como geral, o Conhecimento e a compreensão dos conceitos de Educação para um grupo de mulheres idosas, utilizando fotografias dos

seus acervos pessoais e suas narrativas. E para conseguirmos essa compreensão, iremos investigar a contribuição da fotografia como recursos que propiciem às participantes, a partir de um processo de memorização, o contato com sua memória; como também a possibilidade das participantes, por meio da memorização, re-signifiquem o passado; e finalizaremos com buscaremos nas narrativas e fotografias das entrevistadas, a composição de diálogo do conceito da Educação.

#### 9 – RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se que se possa ter um espaço para que as histórias de vida e a memória cultural das pessoas idosas sejam valorizadas. Sendo também uma possibilidade de memorização das próprias histórias que muitas vezes ficaram esquecidas por eles mesmos, além de poderem ter um espaço de interlocutores dentro e fora do bairro que moram. Pontua-se neste trabalho que, a discussão e divulgação destes resultados da pesquisa possam contribuir na elaboração de políticas públicas de educação, especialmente reforçando o respeito à memória do idoso.

#### 10 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **A câmara clara: notas sobre a fotografia**. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação**, SP, Ed. 34, 2002.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo, Martins Fontes, 1990.

BORGES, Fabricia Teixeira. **Tem tantos jeitos de ver! Os significados do Olhar nas perspectivas de quatro mulheres de Goiânia**. 2006. 235f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

CAIXETA, Juliana Eugênia. **A mulher em envelhecimento no seu cotidiano: diálogos, textos e imagens sobre a identidade feminina**. Dissertação de mestrado de Brasília, Brasília. 2001.



qualificação e defesa.								
<b>OBS: O trabalho de campo só será iniciado após aprovação do CEP.</b>								

**12 - RELAÇÃO DE OUTROS PESQUISADORES INTEGRANTES DA EQUIPE DO PROJETO, COM A RESPECTIVA TITULAÇÃO MÁXIMA -**

NOME	TITULAÇÃO MÁXIMA
Andrea Cristina Versuti	Doutora
Marta Batista de Souza	Mestranda (2012-1)

**13 – LOCAL DA PESQUISA**

Projeto tem viabilidade econômica e de execução na Universidade Tiradentes, uma vez que possui infra-estrutura adequada. A Biblioteca da Universidade Tiradentes encontra-se devidamente atualizada para o bom andamento da pesquisa bibliográfica. A pesquisa de campo será realizada nas casas das entrevistadas, com a prévia autorização de consentimento, no bairro: Palestina, do município de Aracaju – SE, Brasil.

**Explicitar as responsabilidades do pesquisador, da instituição, do promotor e do patrocinador (Se for o caso)**

O pesquisador responsável representado pela coordenação do projeto possui experiência profissional na área de Educação. Nesse sentido terá importância na facilitação do processo de ensino-aprendizagem da aluna de Mestrado, na escolha do material bibliográfico adequado, acompanhamento de todas as etapas, avaliação e monitoramento de todo o processo. A aluna será responsável pela análise dos resultados sob orientação da orientadora, discutindo e fazendo tornar ao referencial teórico para realizar essa etapa, provocando a análise crítica da literatura e dos resultados obtidos. Acompanhará adicionalmente a etapa de redação do trabalho até a entrega da redação final.

**14 – CRITÉRIOS PARA SUSPENSÃO DA PESQUISA**

A pesquisa será suspensa caso: existam impedimentos maiores como acidentes que impeçam o acesso ao bairro: Palestina em Aracaju-SE, Brasil; falecimento de alguma das entrevistadas; não consentimento dos familiares; desinteresse por parte da possível entrevistada e a não aprovação do CEP .

**15 – ORÇAMENTO DO PROJETO (se houver)** Discriminar recursos, fontes e destinação, bem como a forma e o valor da remuneração do pesquisador (se for o caso). Obrigatoriamente deve ser informada a fonte que proverá o total de recursos necessários.

Discriminação do item a ser financiado	Fonte de financiamento	Unidade	Quantidade	Valor (R\$)	
				Preço unitário	Total
1. Fitas de gravador		Caixa	20	R\$ 05,00	R\$ 100,00
2. Gravador		Unidade	01	R\$ 350,00	R\$ 350,00
3. Impressora HP DJ D2360		Unidade	01	R\$ 155,00	R\$ 155,00
4. Cartucho para impressora		Unidade	04	R\$ 150,00	R\$ 600,00
5. Papel A4		Resma	04	R\$ 13,00	R\$ 52,00
<b>TOTAL</b>					<b>R\$ 1.257, 00</b>
<b>Fonte de financiamento principal: Pesquisadores</b>					

**16 – DATA E ASSINATURAS**

ARACAJU, 09 de Maio de 2012	Profª. Drª Andrea Cristina Versuti
ARACAJU, 09 de Maio de 2012	Marta Batista de Souza

ANEXO B – Termo de consentimento livre e esclarecido.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado, responsável pela senhora \_\_\_\_\_, autorizo a \_\_\_\_\_ (instituição) \_\_\_\_\_, por intermédio do(a)s aluno(a)s, \_\_\_\_\_ devidamente assistid(o)as pela seu(u) orientador(a) \_\_\_\_\_, a desenvolver a pesquisa abaixo descrita:

1-Título do : "Educação, fotografia e memória: uma análise das narrativas de mulheres idosas" .

2-Objetivo: Conhecer e compreender os conceitos de Educação para um grupo de mulheres idosas, utilizando fotografias dos seus acervos pessoais e suas narrativas.

3-Descrição de procedimentos: para construção dos dados teremos quatro encontros previamente marcados com cada entrevistada. As entrevistas serão prioritariamente realizadas dentro de suas casas.

4-Desconfortos e riscos esperados: \_\_\_\_\_. Fui devidamente informado dos riscos acima descritos e de qualquer risco não descrito, não previsível, porém que possa ocorrer em decorrência da pesquisa será de inteira responsabilidade dos pesquisadores.

5-Benefícios esperados: Satisfação com a pesquisa.

6-Informações: Os participantes têm a garantia que receberão respostas a qualquer pergunta e esclarecimento de qualquer dúvida quanto aos assuntos relacionados à pesquisa. Também os pesquisadores supracitados assumem o compromisso de proporcionar informações atualizadas obtidas durante a realização do estudo.

7-Retirada do consentimento: O voluntário tem a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, não acarretando nenhum dano ao voluntário.

8-Aspecto Legal: Elaborado de acordo com as diretrizes e normas regulamentadas de pesquisa envolvendo seres humanos atende à Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério de Saúde - Brasília – DF.

9-Confabilidade: Os voluntários terão direito à privacidade. A identidade (nomes e sobrenomes) do participante não será divulgada. Porém os voluntários assinarão o termo de consentimento para que os resultados obtidos possam ser apresentados em congressos e publicações.

11-Quanto à indenização: Não há danos previsíveis decorrentes da pesquisa, mesmo assim fica prevista indenização, caso se faça necessário.

**ATENÇÃO:** A participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Em casos de dúvida quanto aos seus direitos, escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tiradentes. Av. Mutilo Dantas, 300 – Farolândia – CEP 49032-490, Aracaju-SE, 79-2182100, ramal 2593.

Aracaju, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 2012\_.

---

ASSINATURA DO VOLUNTÁRIO